

DIOCESE  
SANTA CRUZ DO SUL



**PALAVRA DO BISPO**

Dom Aloísio Alberto Dilli, OFM

**2020**



# **PALAVRA DO BISPO**

Dom Aloísio Alberto Dilli, OFM

## **Volume 4**

**2020**

FOTO DA CAPA: Self após missa na Catedral, em tempos de pandemia.

DIAGRAMAÇÃO: Marcia Maria Agnes Bartz.

IMPRESSÃO: LupaGraf, Santa Cruz do Sul, RS.

# INTRODUÇÃO

Caros leitores e leitoras. Nossas *mensagens semanais* continuam circulando por diversos jornais e rádios da região do Vale do Taquari e do Rio Pardo, assim como por revistas, boletins e outros subsídios diocesanos ou paroquiais e se encontram nas redes sociais, assim como em *E-book*, no site da diocese. Mesmo assim, não desvalorizamos a publicação tradicional por livro, embora com número reduzido de volumes, atingindo a 13ª edição da *Palavra do Bispo*, ao incluir o tempo do ministério na saudosa Diocese de Uruguaiana, ultrapassando o número de 650 mensagens, além de outros textos.

Em 2020, dentro do foco da Iniciação à Vida Cristã, destacamos na Diocese de Santa Cruz do Sul o *Ano da Crisma ou Confirmação*. Assim sendo, além dos temas gerais e outros mais específicos, encontraremos no presente volume diversas mensagens que abordam este *Sacramento do Espírito Santo*.

Ninguém imaginaria, contudo, que algo inesperado roubaria a cena, em 2020, e colocasse nosso planeta de joelhos diante de um vírus microscópico, letal para milhares de pessoas, deixando marcas e consequências sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas indeléveis. Esta nova realidade exigiu sábias e criativas respostas, sobretudo, com novas formas de convivência, de expressão da fé, da esperança e da caridade. Nossa iluminação maior surgiu do Evangelho do Bom Samaritano, junto com a sabedoria de nossa Papa Francisco e das orientações da CNBB. Mais do que nunca foi preciso *ver, ter compaixão e cuidar* da vida, como indicou a Campanha da Fraternidade de 2020: *Vida – dom e compromisso*. Em nossas mensagens e orientações diocesanas tentamos seguir esta luz do Evangelho e da Igreja, observando também as indicações das autoridades civis e sanitárias regionais. Em meio a este quadro, tentamos realizar o que era possível, cuidando para não simplesmente legalizar a recepção dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, sem a devida preparação pelo processo catequético e litúrgico nas comunidades, mesmo que tenha sido necessário adiar as datas das celebrações para o ano de 2021.

A experiência de reclusão em nossas casas, diante da presença do Coronavírus covid-19, desafiou-nos a descobrir novas maneiras de convivência humana, inclusive nas celebrações comunitárias em nossos templos e demais atividades da comunidade. Os impedimentos de nos reunirmos nas igrejas fez valorizar mais a presença do Senhor entre nós por outras formas e expressões, especialmente, como pequenos grupos orantes (Igreja doméstica). Importantes também foram as celebrações acompanhadas por outros meios de comunicação: rádio, TV e redes sociais. Começamos também a perceber mais a presença do Senhor pela caridade com os irmãos, sobretudo com os mais necessitados.

A pandemia nos ensinou a importância da união das forças no cuidado do precioso dom de nossa vida. Experimentamos na quarentena o quanto somos dependentes da graça divina e dos serviços dos outros. Este tempo de crise nos mostrou a necessidade de voltar os olhos para o essencial da vida: sua origem, seu sentido, seus valores, seu destino.

Concluimos 2020, cheios de esperanças. Primeiramente, alimentamos a expectativa em relação às urgentes descobertas de remédios para cura do covid-19 e vacinas seguras de prevenção. Finalmente, desejamos voltar à nova normalidade, na esperança de que seja uma normalidade melhor, a partir das muitas lições que aprendemos no tempo da pandemia. Boa leitura!



*Dom. Alóisio Alberto Dilli*  
*Bispo de Santa Cruz do Sul*

**Janeiro 2020**



### **PAZ E GRATUIDADE**

Caros diocesanos. Feliz Ano Novo! Como é bom podermos iniciar um novo ano, desejando-nos mutuamente a tão desejada paz, seja em nossos corações, em nossas famílias, comunidades e no mundo inteiro. Sabemos que ela não é simplesmente resultado de longos tratados ou de fronteiras respeitadas pelas diversas partes, mas, sobretudo, fruto da boa vontade, da diplomacia, da justiça e do amor, realidades que manifestam a presença de valores divinos. Que o Deus da paz nos acompanhe durante todo ano novo. Que o “*Príncipe da paz*”, anunciado pelo profeta Isaías na liturgia natalina (Is 9, 5), seja luz a orientar os passos de nossa vida na busca da verdadeira paz.

No mundo competitivo que nos envolve, as pessoas tendem a superar umas às outras e normalmente vencem os que têm mais chances ou recursos. Não poucas vezes isso se realiza em meio a conflitos destruidores de vidas. Outros tantos ficam sobrando desta competição e nem são contados nas grandes decisões, até são excluídos daquilo que é o mais básico da vida humana digna, agredindo a justiça e ameaçando a paz.

Na lógica de Deus, que é gratuidade, há outro caminho, que é orientado pelo amor, sua essência (1Jo 4, 8). Deus manifesta-se como perfeição e doação total. Ele não pode ser entendido de modo diferente, a partir da revelação em Jesus Cristo. A gratuidade é própria de Deus e é fruto espontâneo do seu amor. Ela é atitude de quem ama, sem condicionar algo em troca. Quando alcançamos um dom de Deus, não é porque o mereçamos, mas o recebemos por graça de quem nos ama (Ef 1, 8-9).

Entre as pessoas humanas também encontramos pessoas que têm muito de divino, ou seja, que são capazes de orientar-se pelo princípio da gratuidade, do verdadeiro amor e não por interesses próprios. São pessoas que têm lugar e tempo para o próximo, que olham para os outros, não com o objetivo da vantagem, mas porque reconhecem neles irmãos, tão dignos como eles próprios. São pessoas que não se deixam guiar simplesmente por referências

---

1: A numeração das Mensagens começa em agosto 2016 (cf. Livro Palavra do Bispo 2016-2017, pp. 9-152).

estéticas, pela classe social, por riquezas ou poder, mas pelos valores da dignidade, do respeito, da vida à imagem e semelhança de Deus, neles presentes. São aqueles que convivem em harmonia e acolhem todas as pessoas como são, sejam crianças, jovens, adultos ou anciãos e tentam entendê-los. São capazes, por exemplo, de cuidar dos idosos que precisam de companhia, de quem os ouça contar suas antigas e repetidas histórias, suas saudades, ajudando a diminuir suas dores e seus limites humanos. *“São pessoas que carregam a cruz com amor, o que a torna leve”*, como dizia um amigo ao fazer um gesto de gratuidade. São estas as pessoas que também encontram tempo para Deus, que encontram espaço em seus programas para ir à Igreja, para conviver e partilhar a vida com os outros, em família e em comunidade. São pessoas que sabem sorrir diante da inocência das crianças, agradecer às flores pela gratuidade do perfume e o brilho de suas variadas cores, assim como pelo festivo trinar dos pássaros na primavera. São verdadeiros construtores da paz.

Ao iniciarmos 2020, sejamos gratos pela vida que continua, pelo novo tempo que se descortina diante de nós, cheio de expectativas e de esperanças; agradeçamos uns aos outros por podermos conviver e ter a certeza de que ninguém está só neste mundo. Invocando as bênçãos divinas, sejamos construtores de paz e de bem todos os dias do ano novo.

## **O SACRAMENTO DA CRISMA E A DECISÃO VOCACIONAL**

Caros diocesanos. Em 2017 refletimos demoradamente sobre o processo da Iniciação à Vida Cristã. Em 2018 e 2019 mereceram atenção especial os sacramentos do Batismo e da Eucaristia. Há poucos dias iniciamos o Ano Novo de 2020, que será dedicado particularmente ao sacramento da Crisma ou Confirmação, em nossa diocese. Retornaremos reiteradamente a este tema em nossas mensagens. Hoje somente fazemos uma apresentação geral e um apelo vocacional.

Através do sacramento da Crisma nossos jovens ou adultos recebem especialmente os dons do Espírito Santo em sua vida, assim como os apóstolos, Maria Santíssima e outros fiéis, os receberam no dia de Pentecostes. Desta forma, eles estão renovando, por responsabilidade própria, o que os pais e padrinhos prometeram, em seu nome, no dia do Batismo. E mais. Eles, agora crismados, com a força do Espírito Santo, querem participar mais plenamente na vida da comunidade, testemunhando, quais discípulos missionários, a sua fé cristã em todos os ambientes.

Infelizmente, com muitos jovens ou adultos, depois de serem crismados, acontece um afastamento da Igreja, o que significa uma verdadeira contradição, pois ao receberem os dons do Espírito Santo, estão em condições de serem cristãos mais coerentes e participativos na vida da comunidade. Portanto, não estavam em condições de terem recebido o sacramento da Crisma, pois não entenderam o seu verdadeiro sentido e, conseqüentemente, deixaram de vivê-lo, tornando-se até contratestemunhas. Mas causa-nos alegria ao sabermos que muitos dos jovens e das jovens, com a recepção do sacramento da Crisma, de fato sentem-se confirmados em sua vida cristã e querem assumir maiores responsabilidades na vida da Igreja, seja em pastorais, em movimentos ou nos diversos serviços.

Este é também um dos momentos mais adequados para se pensar na decisão vocacional. O jovem se pergunta em que forma de vida vai servir na sua Igreja. Muitos pensarão em constituir uma família, no espírito do sacramento do Matrimônio. Mas, igualmente, por que um jovem ou uma jovem não podem pensar na vida

consagrada ou no sacerdócio? Não é possível que Deus não esteja chamando mais jovens de nossa diocese para todas as formas de vida. Todos sentimos necessidade de mais padres, diáconos e consagrados/as; os pedidos se repetem, solicitando a sua presença e atuação, de preferência jovem, nos mais diversos lugares e campos de pastoral. Por isso, teremos que assumir, em conjunto, um verdadeiro “*mutirão vocacional*” pela oração permanente; pelo cultivo dos ambientes onde nascem as vocações (família, catequese, comunidade); pelo incentivo aos jovens vocacionados para que sejam abertos ao convite de Deus; pela consciência das famílias para que reconheçam a bênção e apoiem os filhos/as chamados/as; pelo testemunho de vida feliz, alegre, entusiasta e de santidade no serviço do Senhor, por parte do clero e pessoas de vida consagrada (DAp 315).

Os candidatos em nossos seminários começam a aumentar novamente e eles estão animados e esperam por novos colegas. Há também um bom número de jovens que estão sendo acompanhados pelo Serviço de Animação Vocacional. Estes últimos continuam seus estudos e trabalho, fora do seminário, mas com encontros periódicos, especialmente nas chamadas Escolas Vocacionais. Deus não deixará de chamar muitos jovens para trabalhar na sua messe. Ele é fiel. Assumamos também a nossa parte.

### **O SINAL DA CRUZ**

Caros diocesanos. A cruz é, por excelência, sinal de identificação do cristão. Já no Batismo ele é traçado pelo ministro na frente de quem recebe este sacramento da iniciação cristã; é como uma marca indelével em sua vida. Jesus Cristo fez da cruz um sinal de salvação, pois nela morreu por amor à humanidade: *“Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos”* (Jo 15, 13). Com sua ressurreição, o que era sinal de morte tornou-se sinal de vida. Sua Páscoa (morte e ressurreição) venceu as trevas do pecado e fez emergir a luz da imortalidade para os que nele creem.

Há inúmeras formas para externar esse ser cristão. O primeiro deles é ser testemunha de vida cristã autêntica que, em sua forma extrema, pode chegar até ao martírio, ou seja, dar a vida pela causa de Cristo, como fizeram muitos cristãos, através dos séculos. Ainda hoje temos testemunhos de martírio, em partes do mundo, onde pessoas são mortas por professarem a fé cristã. Mas nem todos os que se identificam com o sinal da cruz chegarão ao martírio. Muitas pessoas vivem coerentemente seu cristianismo no dia a dia de sua vida: dentro de suas famílias, de suas comunidades e em meio à sociedade. Isso se manifesta no seu modo de ser, de relacionar-se, de agir, em seu estado de vida e em sua profissão, tomando cada dia a cruz, seguindo o Senhor como discípulos missionários (cf. Mc 8, 34-35).

Pelo mundo afora, vemos inúmeros sinais, onde a cruz está presente. Em nossas igrejas, em lugares públicos, em nossas praças, nossos caminhos, seguidamente nos defrontamos com esse símbolo da identidade cristã. Nossos antepassados (imigrantes) cravavam uma cruz ao chegarem em sua nova terra, como primeiro sinal de identificação cristã. Como é significativo, ainda hoje, observar as pessoas que traçam o sinal da cruz ao passarem na frente de uma igreja; outros usam a cruz em seu peito, em objetos de trabalho e até em tatuagens pelo corpo. Quantos se assinalam com a cruz, qual invocação de bênção, ao iniciarem o dia e qual ação de graças, ao deitarem à noite?! Outros o repetem nos momentos significativos do dia; até os atletas sabem fazê-lo ao se aproximarem do objetivo maior de seu esporte. Como diz o Documento de Aparecida: é uma

espiritualidade encarnada na cultura dos simples, mas nem por isso menos espiritual e que não pode ser desprezada (cf. DAp 263).

Reconhecemos como legítima a laicidade do Estado, mas também percebemos a reação imediata do povo cristão e de pessoas de bom senso a atitudes laicistas, como afirmações e comportamentos hostis a qualquer manifestação religiosa, como o desrespeito à presença de símbolos religiosos, cristãos ou não. O que nos faz lembrar intolerantes movimentações contra a presença da cruz em repartições públicas e cenas chocantes de desrespeito a símbolos religiosos em manifestações de rua. Estas pessoas ou grupos desejam tirar também o Cristo do Corcovado ou mudar o nome dos Estados de São Paulo, de Santa Catarina, do Espírito Santo e, inclusive, de Santa Cruz do Sul? Se a laicidade do Estado é legítima, o laicismo não o é, pois este quer erradicar a religião da vida pública, a todo custo, desrespeitando a alteridade, por vezes até com atitudes radicais e agressivas que contradizem as bandeiras minoritárias que defendem. Esquecem que nosso povo vive e se identifica com uma cultura cristã de séculos, certamente não perfeita, mas que não será mudada com decretos ou atitudes hostis. Com o sinal da cruz, que nos identifica como cristãos, abençoamos a todos.

### **VALOR DA AMIZADE**

Caros diocesanos. Hoje gostaria de saudá-los como amigos e amigas, pois nossa mensagem é sobre amizade. Estamos vivendo o tempo de férias, de descanso. Certamente o merecemos, depois de tanta correria que a vida moderna nos traz. O descanso é uma necessidade para todos nós. Ele é recomendado pelos médicos, psicólogos e até pela Igreja. No ano 321 d.C., por ordem do Imperador cristão Constantino, o *Domingo – Dia do Senhor* - é declarado também como *dia de repouso* (inclusive para os escravos), a fim de que todos os cristãos pudessem participar da celebração eucarística. Integra-se, desse modo, o descanso e o ato celebrativo do Domingo, estando o primeiro a serviço do segundo, pois nele celebramos e acolhemos o Ressuscitado, que deseja nossa união e partilha fraterna. Vivemos o descanso no sentimento da liberdade cristã, na recuperação das energias físicas e mentais, enquanto esperamos o “*Domingo eterno*”, que também chamamos “*descanso eterno*”.

Neste tempo de férias, de repouso ou descanso, visitamos muitos dos nossos amigos e amigas. E muitos deles, por sua vez, também retribuem a gentileza. Mas, quem é, de verdade, *amigo* ou *amiga*? Certamente, não é qualquer pessoa; e nem todos os chamados *amigos* nas redes sociais o são de verdade. Não gostamos de amizades superficiais, pois as chamadas amizades só de fachada não nos satisfazem e nem nos enriquecem. Para dizer a verdade, até podem atrapalhar.

Hoje, com vossa permissão, apresentarei algumas frases intercaladas do livro *Pequeno Príncipe* de A. Saint-Exupéry. Elas ajudarão a entender a verdadeira amizade e a responsabilidade e o compromisso que dela decorrem em nossa convivência. Escutemos o diálogo entre a raposa e o pequeno príncipe:

Pequeno Príncipe: - *Eu procuro amigos. Que quer dizer “cativar”?*

Raposa: - *É algo quase sempre esquecido. Significa “criar laços”... Se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. Eu serei para ti única no mundo... A gente só conhece bem as coisas que cativou. Os homens não têm*

*mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!*

Pequeno Príncipe: - *O que é preciso fazer?*

Raposa: - *É preciso ser paciente... Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz!... Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar meu coração... É preciso que haja um ritual.*

Pequeno Príncipe: - *O que é um ritual?...*

Raposa: - *É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias; uma hora, das outras horas... Vai rever as rosas. Assim, compreenderás que a tua é a única no mundo. Tu voltarás para me dizer adeus, e eu te presenteari com um segredo... Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos... Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante... Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela tua rosa...*

Enquanto refletimos sobre este texto tão valioso, agradeço seu gesto amigo de ler ou escutar.

### **AMIZADE COM DEUS**

Caros diocesanos. Na mensagem anterior abordamos o tema da amizade e percebemos o quanto ela é importante em nossa vida. Saint Exupéry nos ajudou, com seu *Pequeno Príncipe*, a descobrir o valor, a beleza e a responsabilidade de uma verdadeira amizade entre as pessoas humanas. Hoje desejamos perguntar-nos: - *E a nossa amizade com Deus, como vai?* Sabemos expressá-la em nossas orações ou estas se tornam apenas recitação de fórmulas decoradas, ou algo parecido como troca de favores com Deus? A oração não é uma gaveta isolada, com preces de poder que não falham. O qualidade de nossa oração é proporcional ao espírito de fé e amor com que a fazemos. Rezar é um diálogo familiar com Deus, que brota de um ato de fé e de um ato de amor e que nos leva a entrar na vontade, no plano de Deus que nos oferece gratuita salvação e nos deseja participantes de sua vida divina. Rezar não é apenas orar com os lábios, mas também com a inteligência, com o coração e com toda a nossa vida. Ela deve unificar nossa vida diária com Deus. A oração requer um clima de amizade com Deus; ela deve manifestar uma consciência de que temos um Pai, e não somos órfãos na vida. Vejamos como Jesus reza e ensina a rezar, através do “*Pai Nosso*”.

O Evangelho nos ensina que os apóstolos, ao verem Jesus em profunda oração, sentem a necessidade de orar e de aprender a orar: “*Senhor, ensina-nos a rezar*”. É dentro desse contexto que Jesus ensina o “*Pai Nosso*” aos discípulos (Lc 11, 1-4 e Mt 6, 9-13), revelando a paternidade divina. A oração se desenvolve num diálogo direto entre um “*Tu*”, que é o Pai de Jesus e também o nosso, e um “*nós*”, em comunhão com o Filho e com os irmãos e irmãs.

A oração do “*Pai Nosso*” inicia com uma invocação bem direta, manifestando familiaridade e confiança, e reconhecendo o verdadeiro atributo de Deus: Ele é o Santo, a fonte de toda santidade. Segue o primeiro pedido: que venha o Reino do Pai e que se torna também o nosso Reino, na medida que somos beneficiados por ele. Será um Reino de justiça, de amor e paz, de liberdade, de fraternidade e que vai beneficiar a todos, conforme a vontade de Deus.

A segunda parte do *Pai Nosso* inicia com novo pedido, muito ligado com nosso viver diário: todos precisamos do pão e demais

coisas necessárias para uma vida digna, o que não dispensa o nosso esforço e o nosso trabalho. Jesus ensina a pedir com confiança o pão que precisamos a cada dia, sem acumular. Uma leitura mais ampla nos sugere que, além do pão material, nós necessitamos também de outro pão: a Eucaristia, o Pão vivo descido do céu (cf. Jo 6, 51).

Segue o pedido do perdão divino e humano, interligados entre si. Não é possível rezar o “*Pai Nosso*”, tendo ódio no coração. O amor e a união com Deus e os irmãos só é possível pelo caminho do perdão. Colocamos nas mãos de Deus o critério para nos julgar: “*como nós perdoamos*”.

Não é Deus que nos tenta, mas é Ele que nos pode ajudar para não cairmos na tentação, sobretudo pelo abandono da fé, dos projetos de Deus para abraçar o espírito do mundo: as tentações do ter, do poder, do prestígio. E no fim, pedimos que nos livre de todo mal.

Como é bom podermos rezar ou falar com Deus, como nosso amigo, na sinceridade do coração.

**Fevereiro 2020**



## **ORIENTAÇÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES NA IGREJA CATÓLICA**

Caros diocesanos. Hoje vamos falar sobre as diversas formas de contribuição financeira e periódica que o cristão oferece livremente para a comunidade, à qual pertence e da qual participa, com o objetivo de ajudar a fim de que possa acontecer tudo o que envolve a evangelização na comunidade, razão de ser da própria Igreja (cf. EN 14). Com o dízimo ou outra forma de contribuição permite-se que a comunidade sobreviva, se mantenha, possa prestar seus serviços, consiga ajudar os necessitados, enfim, realize sua missão evangelizadora. Junto com a contribuição financeira, a comunidade precisa dos dons e talentos de cada membro, de seu envolvimento concreto e voluntário. Por isso, o dízimo é, antes de tudo, um compromisso de fé e de amor com a comunidade, em que assumimos nosso batismo como membros participantes e coerentes, onde vivemos o espírito da partilha e da doação, fundamentados no mandamento do amor, centro do evangelho. O dízimo é também um sinal concreto de amor e gratidão a Deus pelos dons que recebemos, sobretudo, pelo seu imenso amor que nos quer participantes de sua vida.

E como agir diante de tantos pedidos de contribuição pelos Meios de Comunicação católicos, através de visitas em casas ou ainda por outras formas? Os bispos do RS dão algumas orientações ao povo de Deus de nossas comunidades sobre esse tema (06/06/17): *“Pelo batismo, todo fiel é acolhido numa comunidade de fé e a ela pertence. Como discípulo missionário sente-se comprometido pela vida e missão da sua comunidade e Diocese. Para que a Igreja possa exercer sua missão, conta com a partilha e solidariedade dos seus membros através do dízimo, coletas e outras formas de contribuição.*

*O dízimo é considerado uma contribuição do fiel para o sustento da comunidade. É uma expressão de sua gratidão a Deus, corresponsabilidade com a Igreja, atenção aos necessitados e sensibilidade missionária. A Igreja local é o lugar principal onde o fiel é chamado a contribuir, pois nela vive todo processo de iniciação à vida cristã, celebra os sacramentos e é assistido pelos padres e outros agentes de pastoral. Ela tem a responsabilidade de formar os*

*membros da comunidade, sobretudo os ministros ordenados e leigos comprometidos com a evangelização. Também tem a obrigação com a manutenção dos bens que estão a serviço do povo de Deus: dioceses, paróquias, seminários, centros de pastoral, etc. Por isso, cada batizado é chamado a contribuir com o dízimo na sua comunidade onde vive e celebra a sua fé.*

*Além do dízimo, existem as coletas que são previstas anualmente, como forma de participação em sentido eclesial mais amplo: Coleta da Solidariedade - CF; Coleta para Terra Santa; Coleta de Pentecostes; Óbolo de São Pedro; Coleta Missionária e Coleta da Evangelização. Também, algumas dioceses organizam coletas próprias para necessidades específicas, como para as vocações sacerdotais.*

*Para os fiéis que, além disso, têm condições de contribuir para outras instituições e lugares, deixamos estas orientações: a) O sentido de pertença à comunidade pede que a prioridade seja com a Igreja local e, somente depois disto, partilhar com solicitações que vem de fora da Diocese; b) Ao receber pedidos, através de visitas domiciliares, meios de comunicação, revistas, boletos bancários, etc., é importante ter critérios sobre sua destinação. O senso de partilha do povo de Deus é louvável, desde que não se omita o compromisso com a Igreja local. Que Maria, Mãe de Deus e da Igreja, nos ensine o caminho da comunhão com seu Filho Jesus Cristo e a partilha com os irmãos e irmãs”.*

## MENSAGEM DA DIOCESE – 182

(Mensagens para Rádios e Jornais – Fevereiro/2020)

### O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

Caros diocesanos. Com a frase bíblica: “*Deixai-vos reconciliar com Deus*” (2Cor 5, 20), da Carta de São Paulo aos Coríntios, iniciamos hoje nossa mensagem semanal, abordando o tema do perdão e da misericórdia de Deus para conosco. Somos “*povo santo e pecador*” (Oração Eucarística V), portanto, estamos a caminho da santidade; o pecado ainda se faz sentir em nós e necessitamos constantemente da misericórdia e do perdão de Deus. Dentro deste contexto da nossa fragilidade, o sacramento da reconciliação recebe importância particular. Como Bispos do Regional Sul 3 da CNBB, desejamos recordar às nossas dioceses alguns aspectos litúrgico-pastorais sobre a celebração do Sacramento da Penitência, especialmente sobre sua forma comunitária (06/06/2018):

*“O rosto da misericórdia do Pai se manifesta de maneira especial no Sacramento da Penitência. Constatamos, com alegria, o aumento da busca por esse Sacramento em nossas comunidades, sobretudo em momentos de peregrinação, romaria e nos tempos de Advento e Quaresma. Numa época de intenso secularismo, massificação e crises que levam ao vazio, muitos recorrem ao confessionário em busca do perdão, da reconciliação e da paz interior. Há, também, uma procura por orientação espiritual com pessoas que saibam ouvir com fé e oferecer uma palavra de consolação. Igualmente, entre nós, se realiza uma prática muito importante que é a Celebração Comunitária da Penitência, na qual se faz uma preparação conjunta para a confissão e a absolvição individuais, seguidas da ação de graças pelo perdão recebido (Catecismo da Igreja Católica, n. 1.482).*

*‘A confissão individual e íntegra e a absolvição constituem o único modo ordinário pelo qual o fiel, consciente de pecado grave, se reconcilia com Deus e com a Igreja’ (Código de Direito Canônico, cân. 960). Somente em casos de grave necessidade, com autorização do Bispo, pode-se recorrer à celebração comunitária da reconciliação com confissão e absolvição geral, por exemplo: numa guerra ou em perigo de morte iminente de vários penitentes, sem que o sacerdote tenha condições de atender a todos. Uma numerosa afluência de fiéis, por ocasião de grandes festas ou de peregrinações,*

*não justifica o uso da absolvição geral.*

*Nós, como episcopado do Rio Grande do Sul, assumimos, em conjunto, as orientações da Igreja sobre a celebração comunitária do Sacramento da Penitência. Igualmente exortamos que, na Iniciação à Vida Cristã, se mostre a beleza da confissão individual para adultos, jovens e crianças.*

*Os confessores são chamados a ser um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai e servos fiéis do perdão de Deus. Para isso é preciso acolher os penitentes, como o pai na parábola do filho pródigo (cf. Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*, n. 17), dispondo do tempo necessário para o atendimento de todos os que buscam a forma sacramental do perdão. Para acolher adequadamente os fiéis e oferecer oportunidades de reconciliação, são louváveis as iniciativas existentes de mútua ajuda entre os presbíteros para as confissões na mesma região pastoral ou diocese, especialmente em grandes concentrações de fiéis.*

*Aos presbíteros, ministros desse sacramento, agradecemos a generosidade pastoral e a dedicação em oferecer o perdão de Deus e a reconciliação aos filhos e filhas da Igreja. Sobre todos invocamos a bênção do Senhor sob a intercessão da Mãe da Misericórdia”.*

## MENSAGEM DA DIOCESE – 183

(Mensagens para Rádios e Jornais – Fevereiro/2020)

### SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A FRATERNIDADE UNIVERSAL

Caros diocesanos. O Santo de Assis viveu entre os anos de 1181/1182 e 1226, marcando profundamente seu tempo, assim como a história da Igreja. Se até então os mosteiros eram as grandes referências fixas, onde se buscava não só a cultura e a educação, mas também o vigor da evangelização, a partir de São Francisco e São Domingos o anúncio do evangelho torna-se novamente itinerante, ou seja, começa a ser realizado “*em saída*”, como diria o Papa Francisco, por pregadores que se deslocam e se dirigem ao encontro das pessoas, aos diversos locais onde se encontram. Mas hoje desejamos olhar para o Santo de Assis como o homem da fraternidade universal. São Francisco viveu de forma simples e harmoniosa com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Segundo o Papa, o Santo de Assis, ao contemplar o mundo criado, ia além da mera avaliação intelectual ou cálculo econômico. A partir da origem comum das criaturas, considerava cada uma como *irmã ou irmão*. Por isso, seu espírito de fraternidade universal torna-se, ainda hoje, modelo de uma ecologia integral (cf. LS 10). São Francisco reconhece a natureza como livro em que Deus transmite sua beleza e bondade, tornando-se um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor (cf. LS 12). Com este espírito, compôs o *Cântico das Criaturas*, página da literatura universal:

*“Altíssimo, omnipotente, bom Senhor; teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção. Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te.*

*Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão sol, o qual é dia, e por ele nos iluminas. E ele é belo e radiante, com grande esplendor, de ti, Altíssimo, traz o significado.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas, no céu as formastes claras e preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é muito útil e humilde e preciosa e casta.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite, e ele é belo e agradável e robusto e forte.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz diversos frutos, com coloridas flores e ervas.*

*Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor, e suportam enfermidade e tribulação. Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz*

*Porque por ti, Altíssimo, serão coroados.*

*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal.*

*Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade”.*

São Francisco de Assis nos ajude a viver seu espírito de fraternidade universal, em tempos de tantos descasos ecológicos, conflitos e polarizações egoístas. Com ele rezemos:

*“Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor.*

*Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade.*

*Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz... Amém”.*

## MENSAGEM DA DIOCESE – 184

(Mensagens para Rádios e Jornais – Fevereiro/2020)

### SÃO FRANCISCO DE ASSIS E O SULTÃO

Caros diocesanos. Na mensagem anterior refletimos sobre São Francisco de Assis e seu espírito de fraternidade universal, chegando ele a considerar todas as criaturas como irmãos e irmãs (cf. Cântico das Criaturas). Até em suas saudações no encontro com as pessoas invocava a *Paz* e o *Bem*. Percebemos que isso somente é possível para um ser humano que está em paz em suas relações: consigo, com os outros, com as criaturas e com Deus, merecendo o honroso título de padroeiro da ecologia e seu *Cântico das Criaturas*, recebendo as iniciais de importante encíclica do Papa Francisco: “*Laudato Si*”.

Hoje nossa mensagem pretende continuar a reflexão sobre esse espírito da fraternidade universal do Santo de Assis, através de um fato histórico ocorrido há oito séculos, e celebrado em 2019, em várias partes do mundo, entre muçulmanos e cristãos, sobretudo franciscanos, como ocorreu na Paróquia dos Freis, em Lajeado/RS, em outubro passado. É do nosso conhecimento pelo estudo da História da Idade Média que no ocidente europeu foram organizadas várias Cruzadas, cujo objetivo principal era enviar, através do Mediterrâneo, tropas à Palestina para recuperar a liberdade de acesso dos cristãos peregrinos à Jerusalém. A guerra pela Terra Santa, que durou do século XI ao XIV, foi iniciada logo após o domínio dos turcos (seljúcidas) sobre esta região, considerada sagrada para os cristãos. Em junho de 1219 aconteceu a Quinta Cruzada, acompanhada por São Francisco. O Santo de Assis não participou por motivos bélicos, mas desejava conhecer e venerar os locais onde acontecera a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, mistérios que não cansava de contemplar. Lembramos que até hoje os Freis Franciscanos cuidam, em nome da Igreja, dos lugares santos da Palestina.

Outro desejo de Francisco era encontrar o Sultão do Egito: al-Malik al-Kamil, sobrinho de Saladino, um apaixonado pela cultura ocidental e que até estudara em Paris. Francisco buscava anunciar o Evangelho, não só aos cristãos, mas a todos os povos. Unido ao desejo de evangelizar, não se descartava, inclusive, a possibilidade do martírio. Enquanto, em Damietta - Egito (Delta do Nilo: de onde

se pensava melhor atingir os muçulmanos que ocupavam Jerusalém), de um lado havia o acampamento dos cruzados, do outro estavam as tropas do Sultão al-Malik al-Kamil para a defesa, Francisco, por vontade própria e no espírito de anunciar pacificamente o Evangelho a toda criatura, acompanhado pelo confrade, de nome *Iuminado*, atravessa a fronteira bélica e se dirige ao encontro do Sultão. A grande surpresa, ao atravessar a região do conflito, foi a fraterna acolhida, sem agressões ou a lógica prisão e possível morte. Os dois dialogam, falam e escutam. Um, certamente, fala com palavras cheias do Evangelho e o outro, sobre o que significava ser um bom muçulmano. Em momento de choque de civilizações, Francisco e o Sultão tiveram a capacidade de viver o diálogo e o encontro que pode produzir frutos a longo prazo. O encontro de Damietta nos lembra quão estéril é o uso da violência e quão ilusória é a vitória obtida pela força e quão frágil é a paz obtida com a derrota do inimigo. Isso nos faz lembrar a afirmação de Papa Bento XV, há um século, no fim da Primeira Guerra Mundial: “*Massacre inútil*”. O diálogo é o caminho cristão da paz.

Mesmo sendo bem-sucedido no encontro com o Sultão, Francisco retornou à europa, decepcionado com a experiência da Cruzada, em que havia interesses de fé, misturados com tantos outros. Porém, os frades continuam até hoje a cuidar dos Lugares Santos. O Senhor os abençoe e os proteja, em meio aos muçulmanos, judeus e cristãos. Que o diálogo inter-religioso, ensinado por Francisco, continue em nosso tempo.

**Março 2020**



## **O TEMPO LITÚRGICO DA QUARESMA E CAMPANHA DA FRATERNIDADE**

Caros diocesanos. O *Ano Litúrgico* é a celebração dos principais fatos ou acontecimentos da História de nossa Salvação, no espaço de um ano. Em cada celebração litúrgica está presente todo mistério da salvação, mas em cada dia ou tempo do Ano Litúrgico destaca-se um determinado aspecto deste mistério, sendo que todos se orientam para o mesmo centro: a *Páscoa*. Na quarta-feira de cinzas iniciamos o tempo da *Quaresma*, que dá início ao longo ciclo da Páscoa, o qual inicia com a Quaresma, é seguido pela sua celebração central, o Tríduo pascal da Semana santa, e prolonga-se nos cinquenta dias (tempo pascal); sendo concluído na solenidade de Pentecostes.

O tempo litúrgico da Quaresma foi introduzido, já no IV século da era cristã, com o objetivo de preparar bem a celebração da Páscoa. Nos primórdios do cristianismo, o Batismo era celebrado, na maioria das Igrejas, somente na noite de Páscoa, para mostrar como este sacramento está ligado à morte e ressurreição de Jesus Cristo (Rm 6, 3-4). Se, inicialmente, a Quaresma era um tempo de preparação ao Batismo, aos poucos, tornou-se ocasião para todos os cristãos retomarem o que prometeram por ocasião da celebração deste sacramento de iniciação à vida cristã. Muito cedo, atribuiu-se a este tempo uma conotação penitencial, através da prática do jejum, da esmola e da oração, como ainda fazemos hoje, inspirados no capítulo sexto do Evangelho de Mateus (Mt 6, 1-18).

A Quaresma, portanto, recebeu uma conotação de penitência, de conversão de vida. É tempo de voltarmos para o estado original, como Deus nos quer, a partir da dignidade recebida no Batismo. A conversão consiste em mudar o modo de ser, de viver, de agir, de relacionar-se. Uma vida segundo o Evangelho. Por isso, no rito da quarta-feira de cinzas, no momento da imposição, o ministro diz: “*Convertei-vos e crede no Evangelho*”. O centro do Evangelho é o mandamento do amor, ensinado por Jesus Cristo, por palavras e pelo testemunho vivo, ao dar sua vida por nós.

Como brasileiros, desde 1964, estamos acostumados a viver a *Campanha da Fraternidade*, neste tempo da Quaresma. É a forma

original, brasileira, de viver o mandamento da caridade, do amor ao próximo, concretamente. Nós queremos fazer a campanha de sermos mais irmãos, ou seja, uma campanha de fraternidade. É a retomada de consciência do que aconteceu no Batismo: tornamo-nos irmãos e irmãs, em Jesus Cristo, filhos e filhas do mesmo Pai. Na *Campanha da Fraternidade*, em todos os anos, a Igreja do Brasil nos aponta para um dos aspectos concretos da nossa relação fraterna. Em 2020, o tema central é: “*Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso*”. Nesse contexto é feita também, em todas as comunidades, uma coleta para ajudar os irmãos e irmãs mais necessitados, cuja vida é mais ameaçada do que a nossa. Queremos ajudá-los, sobretudo através de projetos sociais, para que tenham vida mais digna. Esta coleta, feita no Domingo que antecede a Páscoa, é chamada de *Coleta Nacional da Solidariedade*.

Finalmente, lembramos que o *carnaval* é a festa de despedida, antes de iniciar este tempo de penitência e de conversão. O cristão saberá respeitar a espiritualidade da Quaresma, do começo até o fim, e não viverá indiferente à proposta de sua Igreja, que convida a preparar-se dignamente para a solenidade máxima da vida cristã: a *Páscoa*.

## **CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020**

Caros diocesanos. Saúda-vos vosso Irmão-Bispo, desejando muita Paz e Bem, neste tempo da Quaresma, de preparação à Páscoa. Em nossa mensagem anterior, refletimos sobre o sentido da Quaresma e da Campanha da Fraternidade. Já lembramos o tema: *“Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso”* e lembramos o lema: *“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”* (Lc 10,33-34). Somos, portanto, convidados a refletir sobre o significado mais profundo da vida em suas diversas dimensões: pessoal, comunitária, social e ecológica. Sim, continuamos em campanha de fraternidade, em campanha de sermos mais irmãos e irmãs. Aliás, percebemos pela Liturgia da Palavra, neste tempo da quaresma, que a Igreja convida os cristãos a reavivar a graça do seu Batismo, quando nos tornamos filhos e filhas de Deus, irmãos e irmãs em Jesus Cristo. Portanto, somos da mesma família, participamos da mesma comunidade, da mesma Igreja, vivemos no mesmo planeta: nossa *“casa comum”*. Assim, estamos resgatando o espírito da fraternidade universal, que é desejo manifestado por Deus em toda história da salvação. Desde o primeiro capítulo da Sagrada Escritura, quando é narrada a criação da pessoa humana, à imagem e semelhança de Deus, e da criação do universo, percebemos que todas as relações são de paz e fraternidade: *“Então Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom”* (Gn 1, 31). Havia uma harmonia maravilhosa entre os seres humanos e entre estes com as criaturas. Uma convivência pacífica, fraterna que chamamos de *“paraíso”* e do qual sentimos saudade em nosso íntimo. É como que uma saudade da harmonia perdida, uma saudade da imagem e semelhança, distanciada do Criador, uma profunda vontade de viver a paz original, maculada pelo pecado humano. Santo Agostinho diria: *“Nosso coração estará inquieto até que descanse em Deus”*. A quaresma é um tempo especial de volta ao essencial, de conversão para o projeto do Criador, o projeto da vida, em Deus.

Também o mundo criado faz parte desta harmonia perdida. Quando desrespeitamos a ordem natural da vida, tomando atitudes que prejudicam o meio ambiente, nós provocamos o desequilíbrio ecológico. Nossa casa do mundo criado fica desorganizada, como

nos alerta o Papa Francisco no documento *Laudato Si* e *Querida Amazônia*. A pessoa humana, por sua liberdade e inteligência, participa da criação e da transformação da vida, especialmente pela ciência e pela técnica, mas isso deve acontecer dentro das orientações de Deus, para dignificar a vida e valorizá-la e não para destruí-la com projetos gananciosos de morte da pessoa humana e do mundo criado. Portanto, uma cultura da vida que busca o bem comum, fundamentada nos valores evangélicos da justiça, do amor e da fraternidade universal. O que não pode acontecer é a opção por uma cultura de morte: que é individualista, egoísta e interesseira em relação à vida. Esta visa aumentar avidamente as posses, o poder e o prazer, fora da ótica do bem comum, fora da ótica de Deus, do Deus da vida, revelado por Jesus Cristo.

Que o tempo das Quaresma nos faça abraçar o objetivo geral da Campanha da Fraternidade: “*Conscientizar, à luz da Palavra de Deus, para o sentido da vida como Dom e Compromisso, que se traduz em relação de mútuo cuidado entre as pessoas, na família, na comunidade, na sociedade e no planeta, nossa Casa Comum*”.

Optemos, pois, pela vida, maravilhoso dom de Deus e sintamo-nos convocados a assumi-la como compromisso em espírito de fraternidade universal.

**ORAÇÃO E HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE  
2020**

Caros diocesanos. Continuamos no tempo da Quaresma, de preparação à Páscoa. Em mensagens anteriores, refletimos sobre o sentido da Quaresma e da Campanha da Fraternidade. Já lembramos o tema: *“Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso”* e lembramos o lema: *“Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”* (Lc 10,33-34). O tempo da Quaresma é propício para um processo de conversão, de mudança de vida, sobretudo em nossas relações com Deus, com os outros e o mundo criado. O objetivo da Campanha da Fraternidade 2020 nos faz um convite bem expresso para renovar nossas relações, dando destaque à expressão *“mútuo cuidado”*, com a seguinte formulação: *“Conscientizar, à luz da Palavra de Deus, para o sentido da vida como Dom e Compromisso, que se traduz em relação de mútuo cuidado entre as pessoas, na família, na comunidade, na sociedade e no planeta, nossa Casa Comum”*. Para que alcancemos este objetivo é indispensável o nosso esforço e participação no cuidado da vida, como dom e compromisso. Contudo, sem a oração que pede o auxílio de Deus, o Criador, nossas ações serão insuficientes. Todos os anos a Campanha da Fraternidade oferece significativa oração, como a desse ano, que fazemos nossa:

*“Deus, nosso Pai, fonte da vida e princípio do bem viver, criastes o ser humano e lhe confiastes o mundo como um jardim a ser cultivado com amor.*

*Dai-nos um coração acolhedor para assumir a vida como dom e compromisso.*

*Abri nossos olhos para ver as necessidades dos nossos irmãos e irmãs, sobretudo dos mais pobres e marginalizados.*

*Ensinai-nos a sentir verdadeira compaixão expressa no cuidado fraterno, próprio de quem reconhece no próximo o rosto do vosso Filho.*

*Inspirai-nos palavras e ações para sermos construtores de uma nova sociedade, reconciliada no amor.*

*Dai-nos a graça de vivermos em comunidades eclesiais missionárias, que, compadecidas, vejam, se aproximem e cuidem daqueles que sofrem, a exemplo de Maria, a Senhora*

*da Conceição Aparecida, e de Santa Dulce dos Pobres, Anjo Bom do Brasil. Por Jesus, o Filho amado, no Espírito, Senhor que dá a vida. Amém!”*

Da mesma forma, para cada Campanha da Fraternidade se propõe um hino, com o objetivo de conscientizar os fiéis em torno do tema e lema da mesma. Assim também entramos em oração e unimos nosso espírito fraterno à relação familiar, comunitária, social e com o mundo que nos rodeia. Ouçamos, nesse espírito, o hino de 2020:

*“Deus de amor e de ternura, contemplamos  
este mundo tão bonito que nos deste.  
Desse Dom, fonte da vida, recordamos:  
Cuidadores, guardiões tu nos fizeste.  
**Peregrinos, aprendemos nesta estrada  
o que o “bom samaritano” ensinou:  
Ao passar por uma vida ameaçada,  
Ele a viu, compadeceu e cuidou.  
Mata a vida o vírus torpe da ganância,  
da violência, da mentira e da ambição.  
Mas também o preconceito, a intolerância.  
O caminho é a justiça e conversão”***

**CORONAVIRUS: ORIENTAÇÃO PARA CELEBRAÇÕES  
LITÚRGICAS  
E OUTRAS CONCENTRAÇÕES**

Caros diocesanos. Considerando a situação de pandemia, provocada pelo Coronavírus (Covid 19), havemos por bem emitir algumas orientações para a diocese e paróquias:

1º. Evitem-se concentrações de fiéis no período de emergência, tanto para celebrações quanto para outros fins, transferindo eventos ou cancelando-os.

2º. Celebrações e encontros de aglomeração em igrejas, salões comunitários, salas, oratórios e outras dependências sejam canceladas durante a emergência. A CNBB propõe (14/03/20): *“Sejamos disciplinados, obedeçamos às orientações e decisões para nosso bem, e não nos falte o discernimento sábio para cancelamentos e orientações que preservem a vida como compromisso com nosso dom mais precioso”*.

3º. Dentro do permitido pelas autoridades, nossos templos continuam de portas abertas para a oração individual, tomando todas as precauções para evitar contágio nos diversos ambientes. Missas ou outras celebrações somente acontecerão em privado, de portas fechadas.

4º. As visitas dos Ministros (ordenados ou não) aos hospitais, casas geriátricas ou particulares, somente sejam realizadas em casos muito especiais e permitidos pelas autoridades de saúde, com todas as precauções. Diz o Papa Francisco (13/03/20): *“O Espírito Santo dê aos pastores a capacidade e o discernimento pastoral a fim de que providenciem medidas que não deixem sozinho o santo povo fiel de Deus”*.

5º. Incentivamos orações em casa, sobretudo ao redor da Palavra de Deus, tão ricamente distribuída no tempo da quaresma, que nos prepara para a Páscoa, passagem da morte para a vida. Recomendamos também aos fiéis o acompanhamento de missas, transmitidas pelas emissoras de rádio ou pelas TVs católicas e outros programas de cunho religioso, através das redes sociais; na quaresma, valorizemos a Campanha da Fraternidade, com o

oportuno tema: “*Vida, dom e compromisso*”; usemos também os roteiros de preparação para a Páscoa e, em seguida, os “*Encontros dos Grupos de Jesus*” da diocese, que valorizam especialmente a Bíblia e a Leitura Orante da mesma. Igualmente, aproveitemos este momento de pandemia para estreitar nossos laços de convivência, de reflexão e oração, mais pelo uso sadio dos modernos meios de comunicação do que por encontros físicos.

**6º.** Os serviços rotineiros da diocese e das paróquias continuam em forma de emergência, tomando todos os cuidados de prevenção. Neste tempo da quaresma, prosseguimos com o atendimento das confissões, lembrando as orientações dos órgãos de saúde, como a distância nos locais de convívio e uso de películas protetoras. Estas orientações indicam o caminho a seguir em toda nossa diocese, com a devida prudência e sabedoria, podendo ser alteradas no caso de cessar a pandemia ou em situação de maior gravidade. Elas não pretendem assustar os fiéis, mas tentamos assumir a parte de responsabilidade que nos cabe. Contamos também com a compreensão e a colaboração de todos para que evitemos uma generalização epidêmica, de consequências imprevisíveis, sobretudo para os pobres e idosos. Rezemos pelos profissionais de saúde, pelos que prestam os serviços básicos do dia-a-dia, pelos que sofrem e pelos doentes. Nesta situação de pandemia, façamos os sacrifícios necessários, sempre por amor à vida, precioso dom e compromisso que Deus nos deu, assim como a nossos irmãos e irmãs. Por intercessão de São João Batista, o Senhor vos abençoe e vos guarde.

**Abril 2020**



**O SENTIDO DA VIDA E A CAMPANHA DA  
FRATERNIDADE 2020**

Caros diocesanos. Além dos flagelos do coronavírus, assustam-nos as estatísticas sobre a violência contra as diversas formas de vida do nosso planeta, sobretudo a agressão que atinge a pessoa humana. Como não bastassem as violências na relação de uns com os outros, ainda surgem estranhas formas de mutilação, por vezes, chegando até ao suicídio, incluindo significativo número de adolescentes e jovens. Parece que muitos perderam o valor, o sentido da própria vida, tornando-a como algo banal e indiferente.

A história nos ensina que a pessoa humana sempre tentou dar resposta à pergunta sobre o sentido da sua existência. E há uma quantidade inumerável de respostas. No entanto, não existe solução satisfatória sem o recurso à fé; ou temos que ser coerentes como o filósofo ateu Jean Paul Sartre, que afirma ser a vida um caminhar para o nada, o vazio, a morte; sendo a vida, portanto, uma *“paixão inútil”*, por mais bela que seja ou tenha sido. Neste contexto, o grande líder espiritual e pacifista indiano, Mahatma Ghandi, afirma: *“Uma vida sem religião é como um barco sem leme”*. O físico judeu Albert Einstein diz que *“não há oposição entre ciência e religião; apenas há cientistas atrasados”*. O gênio da física também se pergunta: *“Tem um sentido a minha vida? A vida de um homem tem sentido? Posso responder a tais perguntas se tenho espírito religioso... Aquele que considera sua vida e a dos outros sem qualquer sentido é fundamentalmente infeliz, pois não tem motivo algum para viver”*. E conclui: *“Só uma vida dedicada aos outros merece ser vivida”*.

Todos os anos, os cristãos são convidados a olhar mais para a vida do próximo e para cuidar das outras formas de vida, através da Campanha da Fraternidade. Nesse ano, ela aborda a vida, como dom e compromisso. Na sua introdução, o Texto-base da CNBB se pergunta: *“Teríamos deixado perder o sentido mais profundo da vida? Diante, por exemplo, de concepções de felicidade individualista e consumista, não estaríamos nos esquecendo do significado maior da existência? Por que vemos crescer tantas formas de violência, agressividade e destruição? Perdemos, de fato, o valor da frater-*

idade?”. Assim sendo, a Campanha da Fraternidade de 2020 nos convida a buscar o significado mais profundo da vida e a encontrar caminhos para que este sentido seja fortalecido e, por vezes, até mesmo reencontrado. Sobretudo nestes tempos em que um vírus invisível ameaça a vida humana do planeta, somos convidados a olhar o sentido mais profundo que damos à vida nas suas diversas dimensões: pessoal, comunitária, social e ecológica. Para tal, é preciso superar a indiferença e estimular a solidariedade. Dentro deste espírito quaresmal, afirma ainda, em sua introdução, o mesmo Texto-base: *“Permita o Bom Deus que cada pessoa, cada grupo pastoral, movimento, associação, Igreja Particular e o Brasil inteiro, motivados pela Campanha da Fraternidade, possam ver fortalecida a revolução do cuidado, do zelo, da preocupação mútua e, portanto, da fraternidade”*.

Caros diocesanos. Hoje fazemos nós esta pergunta: - Qual o sentido de minha, de sua vida? Em que direção nós vamos? Jesus disse: *“Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração”* (Mt 6, 21). Quais são os verdadeiros tesouros de nossa vida? O mundo atual não é definitivo. Estamos de passagem nesta terra; até um vírus invisível pode nos ameaçar. Nossa morada se perpetuará com Deus, na eternidade, se tivermos optado por Ele, que nos deseja na sua comunhão eternamente. Aqui é bom lembrar Bento XVI: *“Aquele que crê tem futuro”*. Desejamos a todos abençoado tempo de preparação à Páscoa, cheio de sentido para a vida! Cristo vive e ele nos quer vivos!

### **UNIDADE SACERDOTAL E OS SANTOS ÓLEOS**

Caros diocesanos. Na Semana Santa celebramos o Mistério da morte e da ressurreição de Jesus Cristo, como unidade pascal. Ela inicia com o *Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor* e tem seu centro celebrativo no *Tríduo pascal*, que começa com a Missa vespertina da Ceia do Senhor (5ª Feira Santa) e possui seu ponto alto na *Vigília Pascal*, encerrando-se com as vésperas do Domingo da Ressurreição.

Hoje não queremos falar diretamente sobre a celebração de todos estes mistérios, próprios da Semana Santa, mas desejamos destacar a vocação sacerdotal, lembrada especialmente no primeiro domingo do mês vocacional de agosto e recordada vivamente na 5ª Feira Santa, quando é celebrada a Missa da Bênção dos óleos e a consagração do santo Crisma, após a Renovação das Promessas Sacerdotais. Nesta celebração o bispo, rodeado pelos seus presbíteros concelebrantes, os quais renovam o que prometeram na Ordenação sacerdotal, abençoa o óleo da unção dos enfermos (usado pelos presbíteros para ungir idosos e doentes), o óleo dos catecúmenos (usado pelos presbíteros e diáconos no Batismo) e o óleo do santo crisma (usado pelos diáconos e presbíteros no Batismo, e pelo bispo na Confirmação, nas Ordenações de bispos e de presbíteros, na Consagração de igrejas e altares). Esta celebração da *Missa do Crisma*, presidida pelo bispo, “*é considerada uma das principais manifestações da plenitude do seu sacerdócio e sinal de estreita união dos presbíteros com ele... A consagração do crisma é da competência exclusiva do Bispo... É sempre concelebrada. Convém que, entre os presbíteros que a concelebram com o Bispo e são seus representantes e cooperadores no ministério do santo crisma, encontrem-se sacerdotes das várias regiões da diocese*” (Pontifical Romano, 2ª Ed. Paulus, 2004, pp. 525-527, nn. 1, 6 e 14. Cf. tb. Missal Romano – Missa do Crisma, pp. 235ss).

A reforma litúrgica do Vaticano II, portanto, manteve uma antiga cerimônia e acrescentou o rito da Renovação das Promessas Sacerdotais, que antecede a Bênção dos Óleos e a *Confecção do Crisma*. Jesus, junto com a eucaristia, instituiu também o sacerdócio, dizendo aos apóstolos: “*Fazei isto em memória de mim*”. Por isso,

na 5ª Feira Santa, de manhã, os sacerdotes das dioceses concelebram com seu Bispo na *Missã do Crisma*, como sinal de unidade e de comunhão sacerdotal. O bispo, os sacerdotes e diáconos participam do mesmo sacerdócio de Jesus Cristo, embora em graus diferentes.

Na diocese de Santa Cruz do Sul já é tradicional que esta concelebração seja antecipada para a 4ª Feira Santa, à tarde, a fim de que os presbíteros possam voltar da Catedral e celebrar as cerimônias da 5ª Feira Santa em suas comunidades paroquiais (cf. *Idem*, n. 10). Em 2020, devido às ameaças do coronavírus, a celebração acontecerá sem presença de povo na catedral, mas de profunda comunhão diocesana, à distância.

Pelo que vimos acima, certamente, entendemos o sentido e a importância da bênção dos óleos dos enfermos e dos catecúmenos e da consagração do óleo do santo crisma, na Semana Santa, os quais são levados pelos presbíteros para as Paróquias e ministrados, somente pelos ministros ordenados, durante o ano todo. Por isso, só é permitido o uso destes óleos nas ocasiões indicadas pela Igreja e pelas pessoas competentes, segundo o grau de seu ministério ordenado. Estes Óleos não são usados pelos leigos, mesmo que sejam ministros extraordinários. Também seja evitado o uso de *outros óleos*, mesmo simbólicos, pois estes confundem os fiéis e levam a equiparações. Concluimos hoje, com votos de feliz e santa Páscoa, mesmo em tempos de coronavírus!

**MENSAGEM DA DIOCESE – 191**  
(Mensagens para Rádios e Jornais – Abril/2020)

**A RESSURREIÇÃO DE JESUS**

Caros diocesanos. Estamos vivendo o ciclo central do ano litúrgico: o Mistério da Páscoa. Não entenderemos o que é a Páscoa se separarmos morte e ressurreição. A própria palavra *Páscoa* significa *passagem*: passagem da morte de Jesus para a vida nova da ressurreição. São Paulo escreve aos Coríntios: “*Se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é ilusória e ainda estais nos vossos pecados*”; e acrescenta: “*Se é só para esta vida que pusemos a nossa esperança em Cristo, somos, dentre todos os homens, os mais dignos de compaixão*” (1Cor 15, 17 e 19).

O que entendem mesmo os primeiros cristãos, quando falam em Ressurreição de Jesus? Para eles não se trata de uma simples imaginação, mas de um fato real que os tirou da perplexidade e frustração. Esta ressurreição não consiste num retorno de Jesus à sua vida anterior na terra. Ele não retorna à sua vida biológica (reencarnação), para depois morrer novamente de forma irreversível. A ressurreição não é, portanto, a reanimação de um cadáver, como aconteceu com Lázaro, com a filha de Jairo e o jovem de Naim. Com a ressurreição, Jesus entra definitivamente na Vida de Deus, onde a morte não tem mais nenhum poder. Ele não morreu para o vazio do nada, mas para a comunhão plena com Deus. Por isso afirma São Paulo: “*Se já morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais. A morte não tem mais domínio sobre ele*” (Rm 6, 9). Pelas narrativas dos evangelistas, percebemos que Jesus é o mesmo, mas não é como antes, apresentando-se agora cheio de vida nova; é alguém real e concreto, mas os discípulos não conseguem retê-lo e conviver com Ele, como anteriormente, pois está com uma existência nova, com um corpo glorioso que dá plenitude à sua vida. Os primeiros cristãos entendem a ressurreição de Jesus como uma atuação de Deus que, com sua força criadora, resgata Jesus da morte para introduzi-lo na plenitude de sua própria vida. As comunidades primitivas acreditam que o acontecido com Jesus, o “*Primogênito dos mortos*”, é a garantia da ressurreição da humanidade e da criação inteira. Deus, ressuscitando Jesus, começa a nova criação, confirmando seu plano de salvação, presente desde a criação do

homem e do mundo: partilhar sua vida divina, sua felicidade com o ser humano.

O encontro com o Ressuscitado, a fé de que Jesus está vivo e está novamente com eles, provoca uma reorientação total nos discípulos: passam por nova compreensão do mistério de Deus na realidade de suas vidas. Paulo é exemplo claro dessa transformação, antes perseguidor, agora, torna-se homem novo, possuído pelo poder do ressuscitado: *“Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”* (Gl 2, 20). (Cf PAGOLA J. A., *Jesus*, Ed. Vozes, Petrópolis, 2011, pp. 489-520).

Caros diocesanos. Como podemos perceber, para os primeiros discípulos, o encontro com o Ressuscitado foi decisivo para suas vidas. A experiência da presença do Senhor, pela fé amadurecida, os fez missionários da boa-notícia da salvação, realizada por Deus que nos amou incondicionalmente em Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Eis o mistério que a liturgia pascal nos faz cantar neste tempo: *“Este é o dia que o Senhor fez para nós. Alegremo-nos e nele exultemos! Aleluia”!*

Caros diocesanos, mesmo em tempos difíceis de ameaça do coronavírus, continuamos a saudar-vos com votos de ‘Feliz Páscoa’ ou ‘Feliz Tempo Pascal’, pois a nossa verdadeira vida já se esconde em Cristo!

### **MEDO E ALEGRIA NA RESSURREIÇÃO**

Caros diocesanos. Continuamos a viver a Páscoa, mistério central de nossa vida cristã. A palavra *Páscoa* significa *passagem*: passagem da morte de Jesus para a vida nova da ressurreição. Segundo São Paulo, se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé e continuamos em nosso pecado (cf 1Cor 15, 17). A fé na ressurreição, portanto, é decisiva na vida dos seguidores de Jesus Cristo. Os discípulos tiveram que passar por um longo processo de amadurecimento na fé da ressurreição. Para tal, é importante analisar a figura de Tomé, um dos doze: “*Se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos, se eu não puser a mão no seu lado, não acreditarei*” (Jo 20, 25). Só mais adiante surge o ato de fé: “*Meu Senhor e meu Deus!*” (Jo 20, 28). O evangelista São João relata com três verbos - *entrar, ver, crer* - esse processo de crescimento na fé, ao narrar sua ida, junto com Pedro, à sepultura do Senhor: “*O outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao túmulo, também entrou, viu e acreditou*” (Jo 20, 8). Sim, o Apóstolo que Jesus amava também entrou no verdadeiro mistério da morte e ressurreição (Páscoa), contemplou-o em sua profundidade e chegou à graça da atitude da fé. Antes, “*eles ainda não tinham compreendido a Escritura segundo a qual ele devia ressuscitar dos mortos*” (Jo 20, 9). Esse amadurecimento na fé repete-se na história com os apóstolos de todos os tempos. O processo de conversão é lento e exige perseverança. Agora chegou nossa vez de fazermos a experiência pascal em nossa vida, em nosso tempo, com ou sem ameaça do coronavírus, para sermos também suas testemunhas (Lc 24, 48; Jo 20, 18).

O evangelho da Vigília pascal (cf. Mt 28, 1-10), como igualmente outros textos que narram a ressurreição de Jesus, revelam um misto de temor e de alegria nos diversos personagens que vivem os acontecimentos pascais. As cenas da ressurreição eram bonitas demais para quem vivera a tristeza e a frustração da morte daquele que causara tanta esperança; poderia ser um sonho, uma ilusão: “*É um temor misturado com alegria: a alegria de ver Jesus ainda vivo, aliás, transfigurado na sua vida nova, mas também o medo de que seja tudo uma ilusão*” (Castellucci E., *Com Temor e Grande Alegria*, in *O Pão Nosso de Cada Dia*, abril de 2020, p. 64).

Esta é também a grande aposta da fé cristã: crer no Ressuscitado não é uma ilusão, mas a garantia da vitória da vida sobre a morte, do perdão sobre o pecado, da luz sobre as trevas. A fé no Ressuscitado supera a triste e trágica conclusão sobre o sem-sentido da vida, como do filósofo Jean Paul Sartre, após a 2ª Guerra Mundial: “*A vida é uma paixão inútil*”. Em tempos de coronavírus, novos ateus podem despontar com frases semelhantes.

No evangelho, a alegria prevalece sobre o temor, mesmo que a fé no Ressuscitado não cancele totalmente os medos e os sofrimentos em nossa vida, mas impede que fiquemos esmagados por eles. Seja esta também a nossa força, neste momento histórico que vivemos, em que a fé não deixa que sejamos derrotados. Se Cristo ressuscitou, então não existe nenhuma morte ou outra situação difícil que não possa tornar-se ponte para a vida eterna. Não encontramos apenas sinais de vida nas alegrias, no bem-estar e quando tudo vai bem, mas também os percebemos nos medos e nas fadigas, no sofrimento e nas ameaças à saúde. A Ressurreição lançou um raio de luz também sobre as trevas mais densas da vida humana. Assim como às mulheres de Jerusalém e aos apóstolos nos é dada a boa notícia: “*Não tenhais medo, Ele ressuscitou*”.

É dentro desse espírito, cheio de esperança e de sentido para todas as situações de nossa vida, que desejamos aos leitores e ouvintes abençoado e feliz tempo pascal.

## **O RESSUSCITADO E OS DISCÍPULOS DE EMAÚS**

Caros diocesanos. A liturgia do tempo pascal continua a celebrar o mistério central de nossa vida cristã: a ressurreição de Cristo e, por consequência, a nossa. A palavra *Páscoa* significa *passagem*: passagem da morte para a vida nova da ressurreição. Segundo São Paulo, se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé (cf 1Cor 15, 17).

Texto catequético magistral sobre a ressurreição nós encontramos no evangelho de São Lucas, quando apresenta a experiência dos discípulos de Emaús com o Ressuscitado (Lc 24, 13-35). Dois discípulos voltam frustrados de Jerusalém, suportando suas fracassadas esperanças messiânicas triunfalistas. Retornam tristes para suas famílias, profissões e mesmices anteriores. Jesus ressuscitado caminha com eles, mas seus olhos não o reconhecem. Jesus lhes aquece o coração e limpa seus olhos com a Palavra da Escritura (Mesa da Palavra) e, ao Partir o Pão (Mesa da Eucaristia), se dá a conhecer a eles. Os discípulos voltam apressados a Jerusalém para transmitir aos demais a boa notícia do encontro com o Senhor ressuscitado.

No texto de Lucas e de outras narrativas da ressurreição, percebemos que, inicialmente, os olhos da fé dos discípulos estavam ofuscados, tinham dificuldades em ver além do Jesus Nazareno, que fora crucificado. Somente aos poucos conseguem reconhecer nele o *Senhor*, o *Messias*, o *Mestre*, o *Ressuscitado*. Todos queriam sinais extraordinários para crer (cf. Mt 12, 38-40). Tomé que o diga! (Jo 20, 25).

Esse amadurecimento da fé repete-se na história com os apóstolos de todos os tempos. O processo de conversão é lento e exige perseverança. A vida dos santos e das santas nos ensina isso. Agora chegou nossa vez de fazermos a experiência pascal em nossa vida, em nosso tempo para sermos também suas testemunhas (Lc 24, 48; Jo 20, 18). Se formos ao túmulo de Jesus, como Pedro, João e as mulheres, também vamos encontrá-lo vazio; não veremos e nem encontraremos o Ressuscitado. Mas onde, então, vamos encontrar o Senhor hoje? – *“Ele se aproxima de cada um e de todos nós como se aproximou dos dois viandantes de Emaús, para transformá-los*

*em peregrinos e missionários (24, 33-34). Pisa os passos da nossa decepção e da nossa esperança, da nossa morte e da nossa vida. Encontra-nos no nosso caminho, associa-nos ao seu caminho, fica conosco nas nossas paradas e nas nossas paragens”* (O Pão Nosso de Cada Dia, Abril – 2020, p. 81). Encontramos o Senhor nas estradas da vida e, de forma muito especial, na *Mesa da Palavra*, que anuncia seu sofrimento, morte e ressurreição; igualmente, na *Mesa do Pão*, onde se entrega como alimento aos irmãos e irmãs, seus discípulos missionários. Nosso Deus é *Emanuel*, palavra hebraica que significa: *Deus conosco*, ou seja, não somente aquele que é, mas que é sempre conosco ou permanece sempre em nós, como afirma São João (cf. Jo 6, 56). Jesus terminou sua missão, mas nós a continuamos em nosso tempo. Ele se tornou próximo de nós e nos ensinou, pelo mandamento do amor, como tornar-nos próximos de nossos irmãos e irmãs.

Caros diocesanos. Somos todos convidados a fazer a experiência do caminho pascal dos discípulos de Emaús, nas diversas realidades de nossa vida, como agora, em tempos de coronavírus, seja em nossas casas, em nossas comunidades e na sociedade em que vivemos e convivemos. O Senhor Ressuscitado deseja caminhar conosco para dar sentido a todos os momentos, sejam eles de alegria ou de tristeza, de saúde ou de doença, de decepção ou de esperança. O Senhor ressuscitado abençoe e acompanhe a todos.

**Maio 2020**



## **PANDEMIA DO CORONAVÍRUS**

Caros diocesanos. Hoje gostaria de saudar de forma especial os presbíteros, diáconos, consagrados/as e lideranças leigas de nossas comunidades. Somos servidores do povo de Deus, também neste momento difícil da história em que o Covid 19 está exigindo de nós muito bom senso, sabedoria e paz interior para cuidar de todos.

Vivemos um período que exige de nós, acima de tudo, uma atitude orante: nosso viver depende sempre do Deus da Vida, com ou sem coronavírus. E não nos colocaremos a pregar que o momento é de abandono ou castigo divino. Portanto é hora de profunda comunhão com Deus pela fé e de solidariedade com os irmãos para que nossas atitudes sejam sábias, proféticas e permeadas pelo diálogo fraterno. O povo de nossas comunidades precisa sentir que, no momento em que a cruz mais pesa, Deus se faz presente; e que nós somos solidários, por motivos humanos e pela fé concretizada pelo amor (cf. Gl 5,6). Aos sacerdotes, recomendamos que celebrem com frequência, mesmo sem presença plena da comunidade, pois ao celebrar sempre estamos em comunhão com o povo de Deus, mesmo que as portas dos templos estejam fechadas. Neste momento é bom trazer presente o que rezamos em todas as celebrações eucarísticas, no momento da apresentação das oferendas: *“Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para a glória do seu nome, para nosso bem e de toda a santa Igreja”*. O Papa Francisco nos dá notável testemunho e orienta com sabedoria: *“Que o povo de Deus se sinta acompanhado pelos pastores e pelo conforto da Palavra de Deus, dos sacramentos e da oração”*. Contamos também com a oração do povo de nossas comunidades para que tomemos decisões sábias, de autênticos pastores. Prestemos, portanto, nosso serviço pastoral possível, neste momento, e o façamos com amor e confiança, de forma criativa para alimentar nossa fé e de nossos fiéis. De nenhuma forma podemos permitir que os fiéis experimentem a sensação de abandono de seus pastores, sobretudo na situação de sofrimento que pode visitar pessoas e suas famílias.

Recomendamos novamente o incentivo a orações em casa

(família), de modo especial ao redor da Palavra de Deus, tão ricamente proposta neste tempo pascal. Louvamos as iniciativas de reflexão e oração em torno da Sagrada Escritura, que diversos irmãos nossos realizam através de vídeos e de outras formas transmissivas. Certamente vale mais celebrar, mesmo se em casa, do que simplesmente assistir celebrações, sem negar que estas também possam trazer frutos espirituais. Usemos igualmente nossos roteiros diocesanos: “*Encontros dos Grupos de Jesus*”, que valorizam a Bíblia e a Leitura Orante, destacando temáticas diocesanas de 2020.

É motivo de especial alegria que, junto às ajudas normais aos pobres, realizadas através do setor de assistência social da diocese, irmãos nossos prestam fraterno serviço aos necessitados de nossas comunidades, ante as consequências da pandemia. A diocese está oferecendo também material para mais de 10 mil máscaras, confeccionadas por voluntários, a serem entregues para hospitais, geriatrias e outros necessitados, além de estimular a todos para criativas iniciativas de caridade, sobretudo a nível local.

Para concluir, recomendo orações e apoio aos que mais se expõem, como os profissionais de saúde e dos que cuidam de nossas necessidades básicas da vida diária; pelos que sofrem nos hospitais ou em casa e pelos que partem para a vida eterna. Nesta situação de pandemia, façamos os sacrifícios necessários, sempre por amor à vida, precioso dom e compromisso que Deus nos deu. O Senhor da Vida proteja nossa saúde de corpo e de espírito.

## **DA PÁSCOA DE COELHOS PARA A PÁSCOA DE JOELHOS**

Caros diocesanos. A Liturgia nos diz que a Páscoa é a celebração central da vida cristã, pois ela torna presente o ato salvífico, realizado uma vez por todas, através da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Em tempos de pandemia sentimos mais vivamente a necessidade de sermos salvos e por isso a celebração pascal deste ano está sendo tão palpável, tão real em nossa vida. Eu diria, um Tempo Pascal que faz verter com mais frequência os olhos para o Alto e para os outros; um olhar de fé e de solidariedade que percebe o quanto dependemos da graça divina e dos irmãos e das irmãs. Está sendo uma Páscoa que, certamente, ficará na história, porque nos faz voltar mais para o essencial da vida: sua origem, seu sentido, seus valores, seu destino. A Páscoa de 2020 foi ou está sendo tão diferente que até esquecemos da abundância dos chocolates, com suas formas criativas e simbólicas, sobretudo de ovos e de coelhinhos, ou seja, nós fomos: *Da Páscoa de Coelhos para a Páscoa de Joelhos*. Sim, percebemos que é preciso olhar mais para o que mesmo importa na vida, que é dom e compromisso, como nos faz refletir a Campanha da Fraternidade. Como nunca, sentimos necessidade de celebrar a Páscoa em nossa vida, pois nossas apreensões, medos e sofrimentos sentiram necessidade da cruz do Senhor para encontrar sentido e valor; talvez nunca, como agora, aguardamos com tanta esperança pela ressurreição do Senhor para dar-nos a garantia de sua consoladora presença entre nós. Foi dentro deste contexto que surgiu a seguinte prece:

### **Oração em Tempos de Pandemia e de Tempo Pascal**

*Ó Deus, Pai de misericórdia. Louvado sois por todas as criaturas, expressão de fraternidade universal. Sobretudo vos louvamos porque criastes o ser humano, à vossa imagem e semelhança e não o abandonastes ao poder da morte em sua atitude infiel.*

*Somos profundamente agradecidos pela vinda de vosso Filho Jesus Cristo, que nasceu entre nós e mereceu-nos novo sentido para a vida, recriando-nos com uma dignidade sem par, que nos tornou filhos e herdeiros, vocacionados a participar de vossa vida divina.*

*Pela sua vida, cruz e ressurreição fomos salvos. Até nossas dores e angústias, pandemias e a própria morte foram iluminadas pela esperança de vitória e pelo dom da vida nova e eterna.*

*Redimidos por vosso Filho e iluminados pelo Espírito Santo, fazei que a experiência da pandemia nos ensine a retomar o sentido e os valores mais profundos de nossa vida: a filiação divina e a relação fraterna, que o mundo sempre mais está ignorando. Pai de misericórdia, experimentamos neste tempo de quarentena o quanto somos dependentes de vós e da solidariedade dos outros, nossos irmãos e irmãs. Fortificai nossa fé na vossa constante presença samaritana, consolai os que mais sofrem e abençoai os que se doam pela saúde corporal e espiritual dos outros.*

*Ó Deus, Pai de misericórdia, finalmente vos pedimos que surjam novos valores na vida do planeta – nossa casa comum - para substituir a visão egoísta que endeusa o poder de mercado, o consumismo insaciável e o bem-estar como objetivo último da vida. Que despontem sábias lideranças mundiais em meio à crise, também em nossas famílias, comunidades e na sociedade em que convivemos, para suscitar valores que respeitem a dignidade da vida, que promovam a justiça, a paz, a fraternidade e tantos outros que emergem do Evangelho, onde vosso Filho ensina: “Um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos” (Mt 23, 8b). Pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.*

### **AS PORTAS FECHADAS**

Caros diocesanos. Em tempos de pandemia é muito comum que os lugares de encontro social ou formas de aglomeração geral estejam fechados. Assim também acontece com nossas celebrações comunitárias, em nossos templos. É preciso adotar o mais possível o isolamento social para minimizar a transmissão do vírus que ameaça difundir-se rapidamente. Desta forma surgem as diversas orientações por parte das autoridades civis e da saúde. A população obedece, dentro do possível, assim como os responsáveis pela vida espiritual dos fiéis, evitando maior presença em celebrações nas igrejas e outros encontros da comunidade de fé.

Ao refletir sobre a Palavra de Deus do segundo domingo de Páscoa, chamou atenção especial o fato de o evangelista afirmar: *“Estando fechadas, por medo dos judeus, as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, Jesus entrou e, pondo-se no meio deles, disse: ‘A paz esteja convosco’”* (Jo 20, 19). Também os discípulos de Jesus trancaram as portas, não por medo de um vírus, mas temiam que os judeus fizessem com eles o mesmo que acontecera com seu Mestre, que acabara na cruz. O texto nos apresenta uma rica catequese, dentro do contexto pascal, que aqui não temos a pretensão de esgotar. Mas neste tempo de pandemia, em que as portas dos templos, por vezes, também estão fechadas, o texto nos ensina que para Deus não existem portas, paredes ou fronteiras que impeçam sua presença. E se, por acaso, existirem algumas portas ou fronteiras, elas serão lugares de encontro e não de separação. Portanto, vivemos um tempo em que é preciso ser criativo para redescobrir novas formas de encontro com o Senhor. Não sejamos como Tomé que, separado da comunidade, não reconheceu mais a presença do Senhor, entrando numa crise de fé; uma fé que dependia do ver sinais com os olhos do corpo e não com os da fé, que faz clamar: *“Meu Senhor e meu Deus”!*

Na experiência de reclusão em nossas casas e dificuldades de nos reunirmos nas igrejas, é importante crermos na presença do Senhor entre nós de outras formas, especialmente, quando nos reunimos em seu amor, como família orante: *“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles”* (Mt

18, 20). Sempre é tão confortante, quando podemos responder com fé: “*Ele está no meio de nós!*”.

Entre os meios privilegiados de encontro com o Senhor, a Palavra de Deus deve receber destaque particular, pois é Deus mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja (Cf. SC 7), tornando a Palavra viva, eficaz e eterna (Cf. Is 55, 10-11; Hebr 4, 12; 1Pedr 1, 23; 1Tess 5, 24). Ela deixa de ter simples caráter doutrinário, pois nela podemos encontrar-nos com Alguém, que tem identidade, rosto e nome: Jesus Cristo, o Verbo (a Palavra) que se fez carne e habitou entre nós (Cf. Jo 1, 14). Por isso a Igreja afirma: “*Sempre Cristo está presente em sua Palavra... A Palavra de Deus, portanto, constantemente anunciada na Liturgia, é sempre viva e eficaz pelo poder do Espírito Santo*” (OLM – Introdução Geral 4). Bento XVI acrescenta: “*A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela*” (VD 3). O Documento de Aparecida igualmente valoriza a presença pascal do Senhor na celebração da Palavra de Deus: “*Podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da ‘celebração dominical da Palavra’, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega (1Jo 3, 14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5, 24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18, 20)*” (DAp 253).

Não fechemos as portas da fé ao Senhor, pois Ele sempre deseja estar conosco. E quando o covid-19 não mais ameaçar, voltemos aos nossos templos que estarão de portas abertas para acolher-nos, com o Senhor e os irmãos, na forma comunitária normal.

### **CATEQUESE EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Estimados diocesanos. Hoje saudamos especialmente as/os catequistas de nossa diocese, sempre tão perseverantes em sua sublime missão. No tempo de pandemia, inevitavelmente, também surge a pergunta sobre a continuidade do processo catequético em nossas comunidades. Em primeiro lugar, devemos considerar que estamos numa época de exceção, em que precisamos adaptar-nos à realidade que, no momento, é de isolamento social, ou seja, devemos evitar maiores concentrações ou reuniões de grupos. Assim sendo, a catequese não tem sequência normal. Há, portanto, um intervalo dos encontros. É elogiável que catequistas mantenham outras formas criativas de contato, sobretudo pelas redes sociais. No entanto, esta realidade causada pelo coronavírus Covid-19 não nos autoriza a fazer adaptações simplórias com o objetivo de “legalizar” a preparação aos sacramentos na comunidade. Dessa forma estaríamos contradizendo os princípios fundamentais de todo processo de Iniciação à Vida Cristã, os quais a Igreja propõe e nós estamos realizando na diocese. Deve ficar bem claro, sobretudo em tempos de pandemia, que a catequese não pode ser apenas memorização de conteúdo, combinação de tarefas cumpridas em casa ou mesmo com simples acompanhamento de vídeos, com caráter de metodologia escolar.

O processo de *des-escolarização* da catequese deve ser acompanhado pela recuperação do caráter litúrgico, orante e mistagógico. Uma verdadeira catequese tem que proporcionar uma experiência de Deus na vida cristã, em comunidade. Celebrar torna-se essencial na fé cristã, como acontecia desde os primórdios do cristianismo, quando o itinerário do catecumenato era acompanhado pela comunidade eclesial com orações, ritos e símbolos. Isso não significa que havia descuido com o conhecimento intelectual, mas a fé cristã era considerada como adesão a uma Pessoa e não a uma doutrina. Portanto, a preocupação maior era dar a conhecer essa Pessoa a quem a vida do catequizando estava sendo ligada. Vemos que a liturgia e a catequese são como duas irmãs gêmeas que andam juntas, pois são inseparáveis. Portanto, não basta a formação doutrinal ou individual, mesmo em tempo extraordinário de pandemia.

Bastaria, então, encher a catequese de diferentes ritos, sinais

e símbolos para recuperar esse vínculo catequético-litúrgico? Ou ainda obrigar a participação nas missas ou celebrações da paróquia para tornar a catequese mais litúrgica? Certamente, a solução não se encontraria por esse caminho. A liturgia não é um simples anexo da catequese, mas é uma característica do ato catequético. Todo encontro catequético deveria ser litúrgico, pois a catequese celebra e comunica a presença do Deus vivo, possibilitando o encontro com o Ressuscitado. Portanto, uma catequese pode ser dita *celebrativa*, não tanto pelos rituais que ela prescreve, mas pelo modo como se desenvolve, pelo seu caráter orante e mistagógico.

Caros catequistas, diante dos desafios normais de uma catequese qualificada, como acenamos acima, vivemos um tempo de pandemia que força interrupções no processo normal. Neste contexto, sentimos a responsabilidade de sermos cristãos criativos em nossas paróquias e comunidades. Com paciência, bom senso e com muita fé haveremos de encontrar o melhor caminho para os catequizandos que o Senhor e a comunidade nos confiam. Passado o tempo da pandemia, retornemos com nova motivação ao processo catequético normal, recuperando o que não foi possível realizar durante o intervalo forçado pelo coronavírus, mesmo que algumas datas tenham que ser reajustadas. O mais importante é a devida preparação dos catequizandos. Eles merecem o melhor!

**Junho 2020**



### **LITURGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. A experiência de reclusão em nossas casas desafiou-nos a descobrir novas maneiras de convivência humana, e as dificuldades de nos reunirmos nas igrejas nos fez valorizar mais a presença do Senhor entre nós por novas formas, especialmente, quando nos reunimos em seu amor, como família orante: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles*” (Mt 18, 20). Sempre é tão confortante, quando professamos: “*Ele está no meio de nós!*”. O Senhor se faz presente na caridade dos irmãos que se doam pelos outros, sobretudo os necessitados: “*Todas as vezes que fizestes isso a um destes pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes*” (Mt 25, 40). Entre os meios privilegiados de encontro com o Senhor, a Palavra de Deus deve receber destaque particular, pois é Deus mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja (Cf. SC 7), tornando a Palavra viva, eficaz e eterna (Cf. Is 55, 10-11; Hebr 4, 12; 1Pd 1, 23).

Em nossos templos, mesmo de portas fechadas, em boa parte do presente Ano Litúrgico, celebramos a Liturgia oficial, inclusive os mistérios da Semana Santa, em forma mais privativa, mas com profunda fé e espírito de comunhão, pois rezamos *com e pelo* Povo de Deus. Muitos fiéis nos acompanharam pelos diversos meios de comunicação, usados com mais ou menos criatividade e riqueza de simbolismo, seja nos templos quanto nas casas; sem ignorar que também apareceram eventuais extravagâncias midiáticas que, em vez de ajudar, prejudicam a Liturgia da Igreja.

Diante do fenômeno do coronavírus, fomos desafiados a dar respostas celebrativas, mesmo que o distanciamento físico afetasse aspectos essenciais de nossa Liturgia, sobretudo a participação comunitária. A experiência atual nos coloca uma importante pergunta: - Uma celebração assistida na TV ou pelas Redes Sociais tem o mesmo valor que a participação presencial num ato litúrgico na comunidade ou mesmo nas celebrações da Palavra em nossas casas?

Creio que nossa resposta deve iniciar dizendo que todas as formas podem ser importantes e certamente têm seu valor; mas, ao mesmo tempo, não podemos afirmar que “*tudo é a mesma coisa*”. Há graus de participação que são diferentes e conseqüentemente

também de valor. **Primeiro grau:** Esta forma está mais ligada ao *assistir* uma celebração por TV, Redes sociais ou ouvir pela rádio. O *assistente* ou *ouvinte* normalmente não se sente diretamente envolvido e comprometido com o ato litúrgico, pois sua participação não é tão ativa e plena por não estar presente com os outros. Não se nega com isso que esta forma também possa trazer frutos espirituais (meditação, oração, comunhão espiritual, catequese...). **Segundo grau:** São as formas que recuperam o valor da oração em comum, realizada na casa (em família), de modo especial ao redor da Palavra de Deus. Certamente vale mais *celebrar*, mesmo se em grupo reduzido, do que simplesmente assistir ou ouvir celebrações. Aqui se destaca a importância dos subsídios em diversos níveis, que valorizam a Bíblia (Leitura Orante). **Terceiro grau:** Esta é a forma celebrativa normal e mais valiosa, pois ela acontece na comunidade-Igreja, à qual as pessoas estão ligadas pelo batismo. É o encontro com Deus e os irmãos. É o lugar da comunhão e participação mais plena. Ali os cristãos alimentam sua fé, sua comunhão com a Igreja.

Atualmente não podemos rezar plenamente na comunidade. É tempo de exceção, mas fazemos o que é possível, mesmo não sendo o ideal para os cristãos. O normal é celebrar com a comunidade. Por isso, ao passar a pandemia, voltaremos com saudade para nossas comunidades. É nelas que nos alimentamos com o Pão da Palavra e da Eucaristia.

### **CORPUS CHRISTI EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. A Igreja celebra novamente *Corpus Christi*, Corpo de Cristo, solenidade que tem profunda ligação com a Quinta-feira santa, dia em que Jesus instituiu a eucaristia, o sacerdócio e ensinou o mandamento do amor, com o rito do lava-pés. No contexto celebrativo da semana santa fica difícil valorizar toda riqueza que o mistério da eucaristia merece. Assim sendo, a história da liturgia, a partir do séc. XIII, fez surgir o que nós celebramos em Corpus Christi, tendo como objetivo litúrgico agradecer pela eucaristia e realizar uma manifestação pública de fé na presença real e permanente de Jesus Cristo no Pão vivo descido do céu. Em Corpus Christi, esta atitude de gratidão se expressa pela celebração da própria missa e pela procissão solene nas ruas com a Hóstia consagrada. Os enfeites nos caminhos públicos e corredores das igrejas, fazem parte desta gratidão e deste louvor.

Mesmo com toda riqueza celebrativa e do significado da própria palavra *Eucaristia*, como ação de graças, devemos abordar outras dimensões que ela contém, sobretudo como *ceia de comunhão*, *sacrifício pascal* e *missão*, pois a espiritualidade eucarística revela diversos aspectos em sua unidade indivisível: ela nasce numa Ceia pascal que torna presente (memória) o Sacrifício da Cruz e a Ressurreição de Cristo (Páscoa), realizando a maior Ação de Graças possível para a salvação da humanidade, em todos os tempos, tornando-se fonte e ponto alto da evangelização. Portanto, viver uma espiritualidade de Jesus eucarístico, longe de qualquer devocionismo ou intimismo, significa comungar sua vida, dada em sacrifício, tornando-nos, com Ele e os irmãos, oblação e ação de graças ao Pai em nossa missão evangelizadora. Eucaristia e caridade (serviço), portanto, andam de braços dados e essa relação nos faz entender porque o evangelista João inclui o lava-pés (Jo 13) onde os demais evangelistas narram a instituição da Eucaristia. São Paulo não pensa diferente (1Cor 11, 17-22.27-34). A autenticidade de nossas celebrações eucarísticas será avaliada com este critério, afirma João Paulo II (MND 28). Por isso, em Corpus Christi, faz-se coletas de caridade para os necessitados, ainda mais em tempos de pandemia.

Na solenidade de Corpus Christi desejamos louvar e agradecer a Jesus eucarístico pela sua presença entre nós neste sacramento e lhe oferecemos o que de melhor possuímos, através de precioso ostensório, dignos sacrários em nossos templos e ruas enfeitadas com belos símbolos religiosos. Contudo, não podemos esquecer o mais importante: acolhê-lo como divino hóspede em nossos corações, em nossa vida, e sermos sacrários vivos, portadores do Senhor na vida pessoal e familiar, em nossos ambientes de trabalho e de convivência na sociedade.

Como então celebrar Corpus Christi em tempos de pandemia? Estamos fazendo a experiência da limitada participação na eucaristia presencial, na qual participamos ativamente de sua celebração, podendo então comungar o corpo e o sangue do Senhor. Vencido o coronavírus, possamos, com alegria, retornar aos nossos templos e participar mais plenamente das celebrações eucarísticas. Por ora, acompanhem as celebrações pelas redes sociais, rádio e TV. No dia de Corpus Christi, após a missa em nossos templos, também haveremos de passar com o Santíssimo por ruas de nossa cidade e nos locais de atendimento à saúde, recebendo sua bênção. Sugerimos a colocação de sinais eucarísticos nesse dia, em nossas casas, e nosso coração proclame com frequência: *“Graças e louvores se deem a todo momento ao Santíssimo e diviníssimo sacramento”*.

### **CARIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. Em mensagens anteriores refletimos sobre a Catequese e a Liturgia em tempos de pandemia. Hoje pretendemos refletir convosco sobre outro aspecto, também fundamental, que emerge fortemente dentro do contexto da pandemia: sermos Igreja samaritana pela caridade.

Assim desejamos relacionar Catequese, Liturgia e Caridade, considerando-as como unidade. O Papa Paulo VI, tomando um adágio que nasceu no século V e que foi se desenvolvendo na Igreja: “*Lex orandi – Lex credendi*” (= *A lei da oração é a lei da fé ou A Igreja crê conforme reza*), acrescentou uma terceira expressão: “*Lux operandi et vivendi*” (= *...que leva à luz da ação e da vida*). Sim, desejamos crer conforme celebramos e isso nos deve levar à luz da ação e da vida. O Papa João Paulo II, ao falar da caridade, assim se expressa: “*Se faltar a caridade, tudo será inútil... Nesta página, não menos do que o faz com a vertente da ortodoxia, a Igreja mede a sua fidelidade de Esposa de Cristo*” (NMI 42 e 49). E a CNBB confirma este modo de pensar: “*Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos e à luta para vencer a injustiça é um contratestemunho, e celebra indignamente a própria liturgia*” (DG 2008-2010, n. 178).

Pelo visto anteriormente, percebemos uma profunda relação entre o que celebramos (*lex orandi*) e o que cremos (*lex credendi*) e ambas não podem distanciar-se da vida cristã consequente (*lex ou lux agendi ou operandi*), sobretudo do testemunho de nossas ações. Ao falarmos em Iniciação à Vida Cristã, em catequese de inspiração catecumenal - que tem caráter progressivo de conhecimento, de aproximação e encontro com o Senhor e de inserção operante na vida da comunidade - é de fundamental importância que entendamos a temática abordada acima, pois ela nos mostra pela tradição da Igreja que não podemos separar liturgia (celebração, oração) daquilo que cremos (doutrina, conhecimento, fé) e estas têm sua necessária expressão operante na vida concreta dos cristãos. Portanto, catequese e liturgia e ação de vida andam necessariamente unidas e interdependentes. Não basta a doutrina isolada; não é suficiente a liturgia em si mesma; e não resolve um solitário voluntarismo de ações sem fundamento cristão. Pois elas interagem, são interdependentes e se completam mutuamente.

As primeiras comunidades cristãs (Cf. At 2, 42-47 e At 4, 32-37) concretizavam a fé pela caridade vivida, colocada acima de tudo (Cf. Gl 5, 6 e 1Cor 13, 1-13). Também nós, diante da situação criada pela pandemia, sentimos necessidade de ações nacionais, diocesanas, paroquiais e comunitárias concretas diante dos irmãos e irmãs em necessidade. Já existem apelos gerais e organizações com propostas, como da CNBB (“É Tempo de Cuidar”) e de outras entidades, civis e religiosas, para ajudas aos que mais precisam. Certamente, nossos municípios também as promovem e somos atentos e sensíveis a isso.

É gratificante ver como, em algumas paróquias e comunidades da diocese, a dimensão da caridade está ganhando força, especialmente durante este tempo da ameaça do Covid-19 e suas consequências. Em outras, possivelmente, não é tão intensiva. Eis uma das perguntas que deve ser feita por todas as lideranças pastorais: - *Considerando que desejamos ser Igreja samaritana, o que é possível realizar para atender o povo em suas necessidades, especialmente neste tempo de pandemia?* Enquanto pensamos nas possíveis respostas e atitudes, enviamos nossa saudação fraterna e manifestamos nossos sentimentos de profunda comunhão.

### **SANTIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. Estamos em junho, mês da festa de diversos santos e santas e por isso até o chamamos: ‘mês dos santos’. A sua celebração, como nossos modelos e intercessores, nos faz refletir sobre o chamado de todos os cristãos à santidade, como vocação comum e normal, a partir do nosso batismo, no estado de vida pelo qual optamos. Por vezes o tema da santidade parece ter ficado muito distante de nós, mais longe que as imagens dos santos e santas nas alturas dos altares ou das paredes das igrejas. O Papa Francisco trouxe este tema bem perto de nós, com o documento: *Chamada à Santidade no Mundo Atual (Gaudete et Exsultate = GE)*. O Santo Padre deixa claro que todos fomos chamados por Deus à santidade e como ela pode e deve acontecer no contexto atual. O pontífice fala dos santos e santas “*ao pé da porta*”, dos que testemunham a santidade em meio ao Povo de Deus, no dia-a-dia de sua vida: “*Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e nas mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir... Esta é muitas vezes a santidade ‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus*” (GE 7). Este chamado à santidade, que é para todos, a partir da graça do batismo, precisa frutificar nos pequenos gestos ou passos da vida diária (cf. GE 15-16), onde santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão de construir com Cristo o seu Reino de amor, justiça e paz para todos (cf. GE 25-26). Como diz Bento XVI: “*A santidade não é mais do que a caridade plenamente vivida*” (GE 21). O Papa Francisco ainda propõe uma integração entre momentos contemplativos e ativos na busca da santidade: “*Precisamos de um espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor*” (GE 31). Por isso não devemos ter medo de buscar a santidade, pois na vida há uma só tristeza: a de não ser santo/santa (cf. GE 34). Portanto, a vocação à santidade não é apenas para aqueles que praticam “*virtude em grau heróico*” e são elevados aos altares, como modelos e intercessores oficiais, mas para todos os batizados em Cristo, também você e eu.

O culto dos santos da Igreja revela-se desta forma como ação de graças a Deus por ter tornado visível e concreta a maravilha da santidade em inúmeros de seus membros, tornando-os sinais privilegiados daquele amor que levou Jesus Cristo a dar a própria vida pelos irmãos na glorificação do Pai. A santidade, portanto, é identificação a Cristo e não exaltação de si mesmo, evitando que o culto dos santos se transforme num culto de heróis.

É inevitável que este tema apareça no atual momento da pandemia que ameaça nossas vidas. Em primeiro lugar, é preciso ter presente que todas as realidades do nosso viver são oportunidades em que, com a graça de Deus, a santificação se torna possível; e não seria diferente no momento histórico que vivemos. Nossa santificação se fará real na medida que tornarmos viva a fé, a esperança e o amor no contexto da pandemia. Se olharmos para o calendário dos santos e santas, encontraremos inúmeras pessoas que se santificaram doando sua vida em tempos de peste ou numa dedicação incansável à saúde da população, sobretudo carente e sofredora. Podemos perguntar-nos: como vivemos a fé neste tempo e que atitudes de caridade tomamos em relação aos que convivem conosco ou estão em necessidade, mesmo mais distantes? Como vai meu processo de santificação cristã em tempos de pandemia, bem “*ao pé da porta*”? Ou apenas espero pelas portas abertas dos templos para externar “*minha fé e dar minha esmola para me santificar*”?

**Julho 2020**



### **ESPERANÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. O dinamismo da esperança está presente no mais profundo de cada ser humano. Sua própria identidade se move dentro de um constante *vir-a-ser*, projetando-se para o futuro, pois ele nunca se sente pronto, com realização plena e definitiva. De forma semelhante, como na dimensão antropológica, este dinamismo se manifesta também no campo religioso, pois o crente percebe que seu coração está inquieto até que descansa em Deus (S. Agostinho), quando verá um novo céu e uma nova terra e o próprio Deus estará presente, fazendo novas todas as coisas (cf. Ap 21, 1, 3 e 5).

Há momentos da vida em que esse dinamismo da esperança aflora com maior evidência, sobretudo em situações de crise, quando se deseja que o momento presente passe o mais rápido possível e um futuro melhor se descortine, como no caso das pandemias e outras catástrofes que, de tempos em tempos, assolam a humanidade. Todos nós vivemos intensamente esse fenômeno na atual página da história, diante do Coronavírus Covid-19, que ceifa milhares de vidas por todo planeta. Dentro desse quadro da pandemia, um dos temas de reflexão que mais aparece é o da esperança. Em primeiro lugar, a esperança que o vírus não visite a nós pessoalmente e aos que convivem conosco, cuidando-nos para isso, ou que a medicina cure logo todos os infectados, próximos ou distantes, sem sofrerem maiores consequências; e mais, esperamos que os responsáveis civis e da saúde tomem medidas públicas corretas e eficientes para seu combate, com a colaboração de todos; depois, alimentamos a esperança que sejam descobertos, o quanto antes, remédios de cura e vacinas de prevenção; finalmente aflora a esperança de voltar à vida normal. E na perspectiva da fé, sempre temos a esperança de que Deus ajude a livrar-nos desse mal da pandemia e, mesmo que a morte atinja de alguma forma nossas famílias e comunidades, restará a esperança da vida eterna de quem partiu. Assim damos conta que não é possível viver sem esperança, por ela ser constitutiva de nossa vida humana e espiritual, e sobretudo precisamos dela em tempos de pandemia.

Pelo refletido acima, nós cristãos nos damos conta que somos seres a caminho. Não estamos definitivamente em casa, onde

nos encontramos. De certa forma, nos sentimos estranhos, neste mundo, pois nossa verdadeira pátria é outra. Vivemos hoje numa sociedade de consumo, onde tudo parece ser transitório, passageiro, descartável, influenciando decididamente em nossas relações com as pessoas, com as coisas e até em opções religiosas. Neste contexto, o que vale é o presente, os desejos do aqui e agora; enquanto o definitivo ou o eterno parecem excluídos do vocabulário das pessoas. A grande frustração desta constante transitoriedade é não oferecer valores seguros, perenes. Assim a pessoa humana vive em estado de insaciabilidade. Mesmo que busque constantemente novidades, ela se frustra, pois nada parece conduzir ao eterno, ao saciável, uma vez que a fragilidade humana indica para o limite, para o fim, para a morte, com a sensação de a vida ser realmente uma *paixão inútil*, dando razão a Sartre e outros.

Neste tempo de pandemia temos oportunidade de meditar e refletir sobre a vida, seu sentido, suas relações, sua meta. O Espírito do Senhor e seu santo modo de operar nos acompanhem e nos conduzam ao encontro do verdadeiro sentido da vida. O Deus da misericórdia tenha compaixão de nós e, diante de nossa firme disposição de recomeçar sempre o caminho, que a Ele conduz, nos perdoe os desvios de rota e nos reconduza ao sentido verdadeiro da vida, a qual tem destino eterno, junto com Ele e os Irmãos.

**VIVER A FÉ EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. A experiência do tempo de pandemia nos faz refletir sobre os mais diversos temas, inclusive alguns que não chamam tanta atenção em épocas de mais normalidade. Percebo atualmente nas comunicações, sobretudo pelas redes sociais, que algumas pessoas tomam atitudes de quem espera passivamente para que o tempo da pandemia passe ou termine, a fim de recomeçar a vida, como se agora não vivêssemos. No campo espiritual pode acontecer algo semelhante: tomar uma atitude de quem espera terminar a presença do Coronavírus Covid-19 para recomeçar a viver a fé, como se agora não fosse possível ou mesmo necessário fazê-lo, por estarmos vivendo algo que nos tira da normalidade ou porque as portas dos nossos templos estão temporariamente fechadas. É fundamental vivermos intensamente este momento da história, da forma como ele se apresenta, com todas as suas consequências, mesmo dentro do sofrimento, das frustrações e inseguranças que a pandemia proporciona. Gostaria de me ater mais especificamente à experiência religiosa, pois estamos passando por um tempo em que nossa fé também é provada na sua qualidade e perseverança, certamente, tendo que passar por aprendizagens e aprofundamentos. Damo-nos conta que é preciso fazer a experiência do amor a Deus e aos irmãos dentro do dia a dia. Viveremos nossa fé no cuidado com a nossa vida e da vida dos outros; é agora que precisamos considerar e valorizar a vida como dom de Deus e como compromisso humano (CF 2020). Além de rezarmos uns pelos outros, deverá ter um caráter de fé e de amor o usar uma máscara, o aplicar o álcool gel, obedecer ao isolamento e distanciamento social, assumir as recomendações da ciência em relação à saúde e outros cuidados. Será atitude de fé cristã ajudar os que mais sofrem as consequências da pandemia através da caridade, expressão concreta dessa fé. Lembremo-nos sempre que as mesmas mãos que elevamos aos céus são as que devem estender-se aos irmãos que precisam de nós. Não será por causa das portas temporariamente fechadas de nossos templos que vamos perder a fé ou a possibilidade de encontrar-nos com o Senhor, de podermos rezar em nossas famílias e mesmo pessoalmente. Talvez seja uma oportunidade de revalorizarmos outros momentos

de oração, sobretudo em torno da Palavra de Deus, da oração do terço, da oração à mesa. É um tempo de retomarmos a vida de fé em pequenos grupos, sobretudo, em nossas famílias, tornando-as ‘igrejas domésticas’, como acontecia nas primeiras comunidades cristãs.

Sim, nosso cristianismo está passando por uma prova que pode medir a profundidade de nossa fé, de nossa esperança e caridade. Não podemos viver um tempo de pandemia, pensando que fórmulas mágicas de oração ou frases isoladas sejam a receita de cura de uma pandemia e das novas relações sociais que precisamos recriar. Sim, devemos rezar muito para que Deus tenha misericórdia de cada um e de toda humanidade; mas igualmente precisamos conscientizar-nos e rezar para que nós, com a graça de Deus, façamos a nossa parte, sobretudo pela fé e pelo amor.

Nossa presente mensagem chega a todos com votos de muita saúde e paz; mas ela também vos convida ou convoca para viver a fé, a esperança e a caridade dentro do tempo da pandemia, da forma como é possível. Não seremos cristãos novamente, apenas ao se abrirem as portas das igrejas ou ao passar a cestinha da coleta, por mais importante que isso possa ser. Vivamos a fé cristã no hoje de nossa história. O sacramento da Crisma, que destacamos em 2020, nos tornou ‘adultos na fé’, também para tempos de pandemia.

### **COMUNIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. O Documento de Aparecida diz que “*não pode existir vida cristã fora da comunidade*” (DAp 278), inspirando-se nas primeiras comunidades cristãs para tal afirmação, pois elas se caracterizaram pela fraternidade e pela comunhão (cf. At 4, 32). A comunidade, portanto, faz parte normal e necessária da vida dos cristãos, pois está inerente à sua identidade. Deus criou o ser humano à sua própria imagem e semelhança, portanto o criou para a comunhão, chamando-o a entrar na íntima relação com Ele e para a fraternidade universal: “*Essa é a mais alta vocação do ser humano: entrar em comunhão com Deus e com os outros, seus irmãos*” (VFC 9). Dentro deste contexto, entenderemos o sentido etimológico da palavra “Igreja” como “convocação”, ou seja, a assembleia dos convocados pela Palavra de Deus para formarem o Povo de Deus reunido, que se alimenta com a Eucaristia, a fim de se tornar membro do Corpo Místico de Cristo, em que Ele é a Cabeça e nós, os seus membros (cf. CIgC 777 e 807). Como afirma o Concílio Vaticano II, a Igreja é o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humano (cf. LG 775).

Ingressamos neste Povo de Deus a partir do nosso batismo, quando nos tornamos filhos e herdeiros de Deus e participamos de uma só família de irmãos e de irmãs em Jesus Cristo. Pelo sacramento da Crisma, confirmamos esta nossa fé e missão batismal de discípulos missionários numa comunidade concreta, na qual nos alimentamos sobretudo com o Pão da Palavra e o Pão da Eucaristia, desafiados a viver a nossa missão. Tudo isso podia ser normal até pouco tempo, quando fomos surpreendidos, junto com todo planeta, pelo Coronavírus Covid-19, que nos obrigou a um distanciamento social e, de certa forma, também comunitário, por tempo indeterminado. Isso não acabou nosso espírito comunitário e eclesial, mas nos obrigou a viver a fé e o espírito comunitário de outras formas, talvez não tão evidenciadas em outras épocas, consideradas normais.

Na experiência de reclusão em nossas casas e de dificuldades em nos reunirmos nas igrejas, foi necessário acentuar a presença do Senhor entre nós de outras formas, especialmente como Igreja doméstica, família orante, dando vida à palavra de Jesus: “*Onde dois*

*ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles”* (Mt 18, 20). Entre os meios privilegiados de encontro com o Senhor, a Palavra de Deus recebeu destaque todo especial, pois é Deus mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja (Cf. SC 7), tornando a Palavra viva, eficaz e eterna (Cf. Hb 4, 12; 1Pedr 1, 23). Através dela podemos encontrar-nos com Alguém, que tem identidade, rosto e nome: Jesus Cristo, o Verbo (a Palavra) que se fez carne e habitou entre nós (Cf. Jo 1, 14). Bento XVI afirma: *“A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela”* (VD 3). O Senhor também se revela na caridade dos irmãos que se doam pelos outros, sobretudo os necessitados: *“Todas as vezes que fizestes isso a um destes pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes”* (Mt 25, 40). Sim, é tempo de muita caridade!

Enquanto a pandemia perdurar, abramos as portas da fé ao Senhor sobretudo em nossas casas, pois Ele sempre deseja estar conosco. Intensifiquemos a experiência de Igreja doméstica, rezando juntos, ouvindo a Palavra de Deus, fortificando o espírito fraterno na família e ajudando os necessitados. Não será uma quarentena que tirará o nosso espírito fraterno. E quando o Covid-19 não mais ameaçar, voltemos saudosos e perseverantes aos nossos templos, onde seremos acolhidos pelo Senhor e pelos irmãos, na forma comunitária ideal, a que mais nos identifica como cristãos que se reúnem para ouvir a Palavra, alimentar-se da Eucaristia e fortificar a caridade fraterna na missão.

### **ECONOMIA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. No tempo da pandemia estamos descobrindo como nossa vida é precioso dom e compromisso, mas igualmente percebemos o quanto ela é frágil, a ponto de exigir permanentes cuidados, ainda mais diante do Coronavírus Covid-19. Já percebemos como este vírus afetou nossas celebrações litúrgicas costumeiras e tivemos que descobrir outras formas para expressar a nossa filiação divina, tão necessária neste tempo, e rezar com espírito comunitário de irmãos, mesmo distantes uns dos outros. Percebemos o quanto fomos atingidos em nossos relacionamentos diários e como precisamos dos outros em nossa vida, ainda mais ao estarmos doentes ou vivermos em quarentena para não sermos atingidos pela doença. Sem os outros, quem cuidaria de nossas necessidades, como saúde, transporte, alimentação, higiene, segurança, etc. Está ficando sempre mais claro o que realmente é importante na vida: sua origem, sua dignidade, os seus verdadeiros valores, seu destino. Igualmente nos damos conta o quanto somos enganados com as efêmeras promessas de felicidade através da visão egoísta da vida que endeusa o poder de mercado, o consumismo insaciável e o bem-estar como objetivo último da vida. Pedimos ao Espírito Santo o dom da *ciência* para que se vislumbrem medicações eficientes e vacinas de prevenção; também rezamos para não faltarem os dons do *temor de Deus* e do *conselho* para recriar a nossa existência e possam surgir sábias lideranças mundiais, nacionais, assim como entre nossas famílias e comunidades a fim de que sejam despertados e assumidos, de forma mais solidária, novos valores na vida do planeta, nossa casa comum, começando por nós mesmos.

A pandemia nos faz dizer que nosso planeta está doente. O Coronavírus não atingiu somente a saúde, mas também a economia e outros setores essenciais da vida de nossos países, estados, municípios, instituições e famílias. É uma conta que está ficando para ser paga por todos, com efeito cascata, afetando sobretudo os que são mais carentes. Já percebemos as consequências no setor da economia, da saúde, do trabalho, da educação e de tantos outros campos da vida humana. Não é diferente com as instituições como a Igreja e sua organização administrativa e econômico-financeira que

tenta colocar-se a serviço da evangelização em seus diversos setores e projetos. Nossas dioceses, paróquias e comunidades estão sendo afetadas consideravelmente nas suas receitas normais. Isso exige de todos nós doação e sacrifícios maiores, tanto no nível pessoal, quanto comunitário, surgindo necessariamente algumas perguntas bem práticas, em todos os setores, sobretudo para os Conselhos Paroquiais de Administração: Onde devemos ser criativos para recuperar-nos? Em que podemos economizar mais? Como podemos ser fraternos na ajuda a outros que mais sofrem? E a pergunta que não pode ficar sem resposta: - Que planejamento vamos adotar para o processo de recuperação a fim de salvar o essencial que é o processo de evangelização em nossas comunidades?

Ninguém de nós poderá ficar sentado de forma passiva, esperando que tudo caia do céu ou venha dos outros, que também sofrem a cascata das consequências da pandemia. Mas, de qualquer forma, deve ser tempo de intensa caridade, sobretudo através de gestos solidários, como serviços gratuitos a necessitados e dependentes, como coletas de roupas e calçados, de gêneros alimentícios e de higiene, disponibilizados para os mais pobres. É um tempo de dar de nossa pobreza para quem precisa da ajuda samaritana.

Invocamos os dons do Espírito Santo para tomarmos decisões com *sabedoria* e *inteligência* e sejamos sustentados pela *fortaleza* e  *piedade*, nesta época de exceção.

### **FESTAS EM TEMPO DE PANDEMIA**

Caros diocesanos. A experiência do tempo da pandemia já nos ensinou a sermos criativos em muitos aspectos da nossa vida, seja em relação aos cuidados da saúde, como igualmente em tantos outros setores. O verbo que mais parece estar sendo conjugando neste contexto é *reinventar*. Alguns até falam em reinventar a vida, sobretudo, quando desejam referir-se às tantas respostas que são aguardadas diante das inúmeras perguntas formuladas, especialmente ao olharmos para o futuro, seja em relação aos novos valores que deverão emergir, seja em relação às pesadas e negativas consequências do Coronavírus Covid-19, que envolverão a vida de todos nós. Não é diferente na Igreja, nas suas celebrações litúrgicas, nos seus encontros de catequese e de pastoral, nos eventos comunitários. Neste sentido, já tivemos ocasião de refletir em mensagens anteriores a nova experiência da fé, da esperança, da caridade, da santificação e outras temáticas nestes tempos de pandemia. Hoje gostaríamos de abordar o tema das festas que fazem parte das tradições de nossas comunidades e de nossas famílias. Somos seres sociais e concordamos todos ao afirmar que a festa faz parte do nosso viver; sentimos necessidade de encontrar-nos para celebrar a vida, sobretudo nos fatos ou momentos mais importantes da sua história. E para isso, não duvidamos em apresentar o que temos de melhor, desde a maneira de celebrar a fé até a confraternização em torno à mesa.

O tempo da pandemia está atingindo até esses nossos encontros comunitários de festa que, além de apresentarem tantos valores, também ajudam a sustentar as comunidades e seus diversos serviços, sobretudo os pastorais. Esta experiência nos ensina que não podemos apostar exclusivamente nas nossas festas para garantir a sustentabilidade das comunidades e seus serviços. Aqui entra a importante reflexão sobre o dízimo e outras formas de contribuição, mais estáveis, para ajudar as comunidades, como já refletimos em outras oportunidades. Lembramos que o dízimo é uma contribuição financeira e periódica que o cristão oferece livremente para a comunidade, à qual pertence e da qual participa, com o objetivo de ajudar a fim de que possa acontecer tudo o que envolve a evangelização

na comunidade, razão de ser da própria Igreja, pois ela existe para evangelizar (cf. EN 14). O dízimo permite que a comunidade sobreviva, se mantenha, possa prestar seus serviços, consiga ajudar os necessitados, enfim, realize sua missão evangelizadora.

Hoje gostaria também de acenar para uma outra questão: as festas ligadas à celebração dos sacramentos. Como afirmamos acima, faz parte da vida celebrar os fatos ou os momentos importantes da nossa história. Porém, precisamos afirmar também que ultimamente dá-se importância demasiada para o festivo, junto à celebração dos sacramentos. Isso acontece com ordenações, primeiras comunhões eucarísticas e, sobretudo, com certos casamentos. O aparato cerimonioso é tão acentuado que o essencial parece ficar em segundo plano, que consiste no compromisso que os noivos firmam entre si, diante de Deus, do ministro e testemunhas da comunidade para viver uma aliança de amor por toda vida. O tempo da pandemia também nos faz lembrar que nós não precisamos de uma movimentação tão excepcional e gastos tão suntuosos para a essência do sacramento acontecer. Sim, é tempo de reinventar. Com ou sem pandemia, é preciso repensar alguns exageros de nossas festas e voltar-nos mais ao essencial, ao que realmente é importante. O novo processo de Iniciação à Vida Cristã deve ajudar-nos muito neste sentido.

**Agosto 2020**



## **ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA – FESTA DA ESPERANÇA**

Caros diocesanos. Nossa condição humana revela fortes características peregrinas, pois vivemos a sensação de estarmos sempre a caminho, sem lugar definitivo ou de chegada. A filosofia nos ensina que a pessoa humana é um *ser em devir* (vir a ser), um ser em formação e transformação constante, nunca totalmente pronto. Não estamos definitivamente em casa, onde nos encontramos. De certa forma, nos sentimos estranhos, neste mundo, pois nossa verdadeira e definitiva pátria de fato é outra.

Em sentido teológico, vivenciamos uma saudade ou sede do infinito que Santo Agostinho (séc. V) soube expressar a Deus, com estas palavras: “*Fizestes-nos para Vós e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Vós*” (*Confissões*, I, 1, 1). Nossa referência máxima, enunciada por Jesus, é o próprio Deus: “*Sede, portanto, perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5, 48). Somente nele atingiremos a finalidade para a qual fomos criados, à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 27). Ele é nossa casa definitiva, morada perfeita no amor. Enquanto estamos a caminho, como *santos e pecadores* (cf. Or. Euc. V), nós temos como meta estar em Deus e Ele em nós. As cartas apostólicas seguidamente saúdam os cristãos como “*migrantes e forasteiros*” neste mundo (cf. 1Ped 2, 11), pois sua morada está nos céus (cf. Fl 3, 20): “*não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da que está por vir*” (Hb 13, 14).

Contudo, como atingir a vida eterna se toda pessoa humana traz escrito no mais profundo do seu ser o destino para a morte biológica, que gravita sobre a sua existência qual necessidade inevitável e como constante ameaça? O tema da morte atinge profundamente a pessoa humana, mais ainda em tempos de pandemia. A Igreja afirma: “*Diante da morte, o enigma da condição humana atinge seu ponto alto... A semente da eternidade... insurge-se contra a morte*” (GS 18). Em nós existe uma esperança de plenitude, que se choca com a situação do limite humano, criado pelo pecado, trazendo consigo a morte. Era então preciso uma redenção para tornar possível a vida eterna. Para os cristãos, esta redenção já foi conquistada por Jesus

Cristo, esperando nossa adesão pela vida cristã coerente. Esta boa notícia do amor de Deus enche o ser humano de esperança e de alegria, ou seja: *“Quem tem fé, tem futuro”* (Bento XVI). Sem esta profissão de fé e prática consequente, os enigmas da vida e da morte tornam-se mistérios insolúveis.

Estamos no mês da solenidade da Assunção de Nossa Senhora (15 ou 16/08/20): Maria Santíssima elevada de corpo e alma ao céu. Só entenderemos esta celebração se a ligarmos à Páscoa de Jesus Cristo, pois a Assunção é fruto direto da Ressurreição. Como uma primeira ilustração de seus frutos no mundo humano. Maria é o símbolo da humanidade agraciada com o amor de Jesus Ressuscitado, que deseja levar atrás de si toda humanidade. Esta é também a nossa meta, que Maria alcançou, por pura graça, antes de nós. Ela foi a primeira a participar da glória do seu Filho; nós vivemos na esperança.

Esta teologia vai ajudar-nos a entender São Paulo quando diz: *“Cristo ressuscitou dos mortos como o primeiro dos que morreram... Depois, os que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda”* (1Cor 15, 20 e 23). O prefácio da Assunção nos ajuda a entender que somos Igreja peregrina: *“Aurora e esplendor da Igreja triunfante, ela é consolo e esperança para o vosso povo ainda em caminho”*. E no final da missa reza-se: *“... Concedei-nos, pela intercessão da Virgem Maria elevada ao céu, chegar à glória da ressurreição”*. A Assunção de Maria ao céu, de corpo e alma, aumente em nós a esperança de alcançarmos também a plenitude da vida humana, junto de Deus.

### **QUERIDA AMAZÔNIA - 01**

Caros diocesanos. Em fevereiro passado o Papa Francisco emitiu uma Exortação Apostólica, chamada *Querida Amazônia*. Em algumas mensagens semanais trataremos dessa temática, em forma de síntese, pela sua importância na vida da Igreja e mesmo da humanidade. O documento é um prolongamento do Sínodo de outubro/2019: “*Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral*”.

O Papa Francisco considera a Amazônia uma graça, com seu drama e seu mistério próprio. Dirige a Exortação ao mundo e espera que a Igreja adquira rostos multiformes, com encarnada pregação, espiritualidade e estrutura. O documento apresenta 04 sonhos:

- **Sonho social:** uma Amazônia que luta pelos direitos e pela dignidade dos mais pobres;
- **Sonho cultural:** uma Amazônia que preserve a riqueza cultural;
- **Sonho ecológico:** uma Amazônia que guarde com zelo a beleza natural;
- **Sonho eclesial:** uma Igreja com rostos novos, de traços Amazônicos.

Hoje falaremos sobre o **sonho social**, que deseja integrar e promover todos os habitantes da Amazônia, sobretudo os mais pobres. Uma verdadeira abordagem ecológica torna-se também abordagem social: o clamor ecológico da terra é também o clamor dos pobres (povos indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes) que os interesses colonizadores encurralam sempre mais e favorecem correntes migratórias para as periferias das cidades, onde acontecem as piores formas de escravidão, sujeição e miséria.

Nos últimos tempos a Amazônia foi apresentada como um vazio a ser preenchido ou uma vastidão selvagem que deve ser domada, ignorando os direitos dos povos nativos, considerados intrusos ou obstáculos: “*Os povos nativos viram muitas vezes, impotentes, a destruição do ambiente natural que lhes permitia alimentar-se, curar-se, sobreviver e conservar um estilo de vida e uma cultura que lhes dava identidade e sentido*” (QA 13). O documento afirma que é preciso indignar-se e pedir perdão. Não podemos nos habituar ao mal da exploração humana, à violência

e à morte. É possível superar as mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade sem marginalização, uma pecuária e agricultura sustentáveis, energias não poluentes, fontes dignas de trabalho que não destoem o meio ambiente e as culturas.

O Papa lembra os muitos missionários que deixaram suas terras e se tornaram sinais proféticos junto aos mais desprotegidos. Compromisso que precisa continuar hoje. Francisco pede perdão pelos crimes cometidos contra os povos nativos na conquista da América e os considera memória viva do compromisso de cuidar da Casa Comum.

O espírito social implica na capacidade de viver a fraternidade. Os povos nativos da Amazônia possuem um forte sentido comunitário em sua vida: *“Vivem assim o trabalho, o descanso, os relacionamentos humanos, os ritos e as celebrações”* (QA 20). Sua vida é um caminho comunitário com tarefas e responsabilidades divididas e compartilhadas, tendo em vista o bem comum. Estas relações humanas estão impregnadas pela natureza que os circunda e aponta para o cerne do evangelho: fraternidade e solidariedade. Por isso, o desenraizamento dos indígenas, forçados a viver no individualismo hostil da cidade, é verdadeira agressão. O documento chama também o Estado e demais instituições para sua responsabilidade, condenando a corrupção que se torna verdadeiro flagelo moral, envolvendo inclusive os próprios nativos e membros da Igreja. Finalmente, os diversos povos nativos são convocados a um diálogo social a fim de encontrar formas de comunhão e luta conjunta, para serem os principais interlocutores.

### **QUERIDA AMAZÔNIA - 02**

Caros diocesanos. Recentemente o Papa Francisco emitiu uma Exortação Apostólica, chamada *Querida Amazônia*. O documento se dirige a todo mundo e espera que a Igreja adquira sempre mais rostos multiformes, com encarnada pregação, espiritualidade e estrutura. O Papa apresenta 04 sonhos:

- **Sonho social:** uma Amazônia que luta pelos direitos e pela dignidade dos mais pobres;
- **Sonho cultural:** uma Amazônia que preserve a riqueza cultural;
- **Sonho ecológico:** uma Amazônia que guarde com zelo a beleza natural;
- **Sonho eclesial:** uma Igreja com rostos novos, de traços Amazônicos.

Na mensagem anterior, contemplamos o sonho social, hoje abordaremos mais o *sonho cultural*. Promover a Amazônia não significa colonizá-la culturalmente, mas cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir. Há povos que vivem a sensação de serem os últimos depositários de um tesouro de sabedoria, destinado a desaparecer, enquanto avança a colonização pós-moderna que os empurra para o interior das florestas ou para as periferias e calçadas urbanas, por vezes em situações de miséria extrema, perdendo os pontos de referência e as raízes culturais que lhes conferiam identidade e sentido de dignidade, em simbiose com o meio circundante.

Os grupos humanos e estilos de vida são distintos como o território amazônico. São muito diferentes entre si e abrigam grande diversidade cultural e de sabedoria. Por isso não podemos generalizar com discursos simplistas e tirar conclusões a partir de nossos esquemas mentais consumistas que tendem homogeneizar todas as culturas. O documento incentiva os jovens para assumir suas raízes como sua força; e anima os idosos para revelar suas histórias e sabedoria ancestral para que os jovens bebam dessa fonte. É importante que alguns povos estejam escrevendo suas histórias e significado de seus costumes.

Fatores como o consumismo, o individualismo, a discriminação e a desigualdade constituem aspectos frágeis das

culturas aparentemente mais evoluídas, dos chamados *civilizados*, enquanto que algumas etnias dos nativos desenvolveram um tesouro cultural em conexão com a natureza e com forte sentido comunitário, que nos questionam profundamente.

É a partir das nossas raízes que nos sentamos à mesa comum para dialogar e aprender mutuamente: “*Cuidar dos valores culturais dos grupos indígenas deveria ser interesse de todos, porque a sua riqueza é também a nossa*” (QA 37). Não se trata de defender um indigenismo fechado, a-histórico e estático que se negue a toda e qualquer forma de mestiçagem: “*É possível desenvolver relações interculturais onde a diversidade não significa ameaça*” (cf. QA 37-38).

A economia globalizada danifica a riqueza humana, social e cultural. Desintegra as famílias e sua transmissão de valores, sobretudo com a invasão dos meios de comunicação. Se é deteriorado o meio circundante onde as culturas ancestrais se desenvolveram, estas igualmente serão afetadas.

Na próxima mensagem falaremos do sonho ecológico do Papa Francisco em relação à Amazônia e ao mundo.

### **QUERIDA AMAZÔNIA - 03**

Caros diocesanos. Já vimos anteriormente que o Papa Francisco emitiu uma Exortação Apostólica, chamada *Querida Amazônia*. O documento se dirige a todo mundo e espera que a Igreja adquira sempre mais rostos multiformes de enculturação. O Papa apresenta 04 sonhos: social, cultural, ecológico e eclesial.

Nas mensagens anteriores, contemplamos o sonho social e cultural, hoje abordaremos mais o *sonho ecológico*. Quando há relação estreita entre o ser humano e a natureza, onde tudo está interligado, a vida se torna cósmica. Assim, cuidar da vida é cuidar do seu meio ambiente e defendê-lo. Como dizia Bento XVI: “*Ao lado da ecologia da natureza, existe uma ecologia que podemos designar ‘humana’, a qual, por sua vez, requer uma ‘ecologia social’*” (cf. QA 41). Para os nativos, “*abusar da natureza significa abusar dos antepassados, dos irmãos e irmãs, da criação e do Criador, hipotecando o futuro*”; porque dizem eles: “*Somos água, ar, terra e vida do meio ambiente criado por Deus... as multinacionais cortaram as veias da nossa ‘Mãe Terra’*” (QA 42).

A água é a rainha da Amazônia, centrada no grande rio Amazonas: rios, córregos são como veias e toda forma de vida brota dela. O grande rio, em meio à extensa floresta, não separa os habitantes nativos, mas os une para conviver entre diferentes culturas e línguas. Mas esta harmonia está ameaçada pela visão tecnocrata e consumista: “*Tanta riqueza de vida e de tão grande beleza estão ‘tomando o rumo do fim’*” (cf. QA 43-47).

O equilíbrio da terra também depende da Amazônia: diversidade das florestas, ciclos das chuvas, equilíbrio do aquecimento global e do clima, além de grande diversidade de seres vivos. A eliminação da floresta cria territórios desérticos. Por isso, o documento afirma: “*O interesse de algumas empresas poderosas não deveria ser colocado acima do bem da Amazônia e da humanidade inteira... O ambiente como ‘recurso’ corre o perigo de ameaçar o ambiente como ‘casa’*” (cf. QA 48).

Na Amazônia existem interesses econômicos de empresários e políticos locais e internacionais. A solução não está na internacionalização, mas a responsabilidade dos governos nacionais

torna-se mais grave: *“Intervir no território de forma sustentável, preservando ao mesmo tempo o estilo de vida e os sistemas de valores dos habitantes... Criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas...”* (QA 50-52).

Os povos nativos da Amazônia nos ensinam que é possível contemplar a Amazônia e não apenas analisá-la; podemos amá-la e não apenas usá-la. Podemos sentir-nos unidos a ela e não só defendê-la: *“E então a Amazônia tornar-se-á nossa como uma mãe... Se entrarmos em comunhão com a floresta, facilmente a nossa voz se unirá à dela e transformar-se-á em oração...”* (QA 55-56). Não haverá uma ecologia sã e sustentável se não mudarem as pessoas e seu estilo de vida: *“menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno... Quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir”* (cf. QA 58-59). A Igreja quer contribuir para o cuidado e crescimento da Amazônia.

Na parte final do documento, o Papa Francisco, depois de valorizar e estimular a significativa presença feminina na evangelização da Amazônia, afirma que os indígenas se encontram com Jesus Cristo por muitos caminhos, mas o caminho, por excelência, é o mariano. Na conclusão apresenta uma bela oração, dirigida à Virgem Maria, A Mãe que Jesus Cristo nos deixou, com o título: *A Mãe da Amazônia*.

**Setembro 2020**



### **QUERIDA AMAZÔNIA - 04**

Caros diocesanos. Já sabemos que o Papa Francisco emitiu Exortação Apostólica, chamada *Querida Amazônia*, em que fala de 04 sonhos. Nas mensagens anteriores, contemplamos o sonho social, cultural e ecológico. Hoje, é a vez do *sonho eclesial*.

A Igreja busca um rosto amazônico, tentando encarnar ali o Evangelho pelo anúncio do encontro com o Senhor que promove e dignifica. Ela reconhece Cristo presente nos povos e a dignidade que lhes foi concedida por Deus, que os ama. Ela não despreza o bem que já existe nas culturas amazônicas, mas recebe-o e leva-o à plenitude, à luz do Evangelho. Para tal é preciso que a Igreja escute os valores presentes no estilo de vida das comunidades nativas: abertura à ação de Deus, gratidão pelos frutos da terra, caráter sagrado da vida humana, valorização da família, sentido da solidariedade, corresponsabilidade no trabalho comum, importância do culto, crença na vida do além e tantos outros valores. É a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. Terão muito a nos ensinar sobre o consumismo ansioso e o isolamento urbano, assim como sua espiritualidade da interconexão e interdependência de toda criação. Na sua visão cósmica do mundo não lhes será estranho o anúncio e o encontro com Jesus Cristo, o Ressuscitado, que penetra misteriosamente todas as coisas. Esta inculturação deverá ter caráter social, que defenda os direitos humanos, pois Cristo quis identificar-se com os mais frágeis e pobres. Será uma espiritualidade centrada no único Deus e Senhor, que entra em contato com as expressões da vida diária.

Os sacramentos encontram caminho valioso para a inculturação da espiritualidade cristã na vida dos povos nativos, “*pois nos sacramentos se unem o divino e o cósmico, a graça e a criação... A natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural*” (QA 81). É a plenificação da criação, especialmente na eucaristia, em que o Senhor quer chegar a nós através de um pedaço de matéria: “*A eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação*”. Podemos acolher na liturgia elementos da vida indígena: cantos, danças, ritos, gestos e símbolos.

A inculturação deve chegar também de forma encarnada na organização eclesial e ministérios, pois devem estar a serviço de maior frequência da celebração da Eucaristia, mesmo nas comunidades mais remotas e escondidas. Há necessidade de ministros nativos que compreendam a partir de dentro a sensibilidade e as culturas amazônicas. *“Não estejam privados do Alimento de vida nova e do sacramento do perdão”* (QA 89). A eucaristia faz a Igreja e, como sacramento da comunhão, realiza sua unidade. Não se necessita somente de sacerdotes para suscitar vida nova nas comunidades, mas igualmente de diáconos permanentes, de consagrados/as, de lideranças leigas nos diversos serviços eclesiais: *“Uma Igreja de rostos amazônicos requer a presença estável de responsáveis leigos, maduros e dotados de autoridade”* (QA 94).

A fé em muitas comunidades só foi possível pela presença de mulheres fortes e generosas que batizaram, catequizaram, celebraram, foram missionárias no Espírito. Deus quis manifestar seu amor sobretudo através de dois rostos humanos: de seu Filho divino e de uma mulher, Maria. *“As mulheres prestam à Igreja a sua contribuição segundo o modo que lhes é próprio e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe”* (QA 101). A Amazônia carece de novos serviços e carismas femininos na organização, nas decisões e guia das comunidades, seja de estabilidade, de reconhecimento e de envio oficial.

Na Amazônia plurirreligiosa, os crentes precisam dialogar e, sobretudo, trabalhar e lutar juntos pelo bem comum.

## MENSAGEM DA DIOCESE – 212

(Mensagens para Rádios e Jornais – Setembro/2020)

### ROMARIA DA SANTA CRUZ EM TEMPOS DE PANDEMIA

Caros diocesanos. A cruz é o sinal que nos identifica como cristãos, desde o nosso Batismo. É como uma marca indelével em nossa vida. Ela nos recorda sempre o maior gesto de amor que a humanidade já viu, pois nela o Filho de Deus entregou sua vida por amor à humanidade: “*Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos*” (Jo 15, 13). Com a ressurreição de Jesus Cristo a cruz, que era sinal de condenação e morte, tornou-se sinal de vida e de amor.

Em nossa vida, seguidamente somos confrontados com a presença da cruz, a começar pelo nome de nossa diocese e da cidade onde está a sua sede: *Santa Cruz do Sul*. Em nossas igrejas e moradias, assim como em muitos lugares públicos, nos defrontamos com esse sinal da nossa identidade cristã. Como faz bem chegar ao alto do *Morro da Cruz* e encontrar este sinal-monumento, ao lado do qual contemplamos nossa bela cidade. Da mesma forma, ao chegar no trevo de entrada de Santa Cruz do Sul, somos acolhidos e abençoados pela cruz que vemos nas imediações do Seminário São João Batista, local de chegada e da celebração eucarística de nossas romarias. Como é significativo observar as pessoas que traçam o sinal da cruz, ao passarem em frente à catedral ou de outras igrejas de nossas cidades ou das vilas e comunidades do interior. Tantos outros usam a cruz em seu peito, em objetos e até em tatuagens pelo corpo. Quantos traçam o sinal da cruz, qual invocação de bênção, ao iniciarem o dia e como ação de graças, ao deitarem à noite?! Outros o repetem nos momentos significativos do dia; até os atletas sabem fazê-lo ao se aproximarem do objetivo maior de seu esporte. Como diz o Documento de Aparecida: é uma espiritualidade encarnada na cultura dos simples, mas nem por isso menos espiritual e que não pode ser desprezada (cf. DAp 263).

Que esta cruz ilumine constantemente nossa vida e seja o sinal primeiro de nosso caminhar no seguimento de Jesus Cristo, para aprendermos a lição mais profunda da vida e que lhe dá o verdadeiro sentido: amar é doar, gastar a vida pelos outros (cf. Jo 15, 13). Neste tempo de pandemia, em que a cruz se faz presente de tantas formas e em todos os dias, não falte o fermento do amor, ensinado na cruz,

mesmo que seja em pequenos gestos de cuidar de si e dos outros, como usar máscara, evitar aglomerações, ter paciência consigo e com os outros, procurar novas respostas de convivência, viver a caridade com quem mais sofre e, inclusive, descobrir novas formas de expressar a fé cristã. Falar sobre a cruz não pode ser algo teórico, pois Jesus nos ensinou a carregá-la todos os dias se quisermos ser seus discípulos/as. E isso vale também para tempos de pandemia.

Em 2020, não poderemos viver a bela experiência de sermos multidão que caminha, guiados na procissão pela cruz, como nos outros anos. Mas vamos viver a experiência de sermos *Igreja – Comunhão*, de outra forma, colocando-nos em sintonia pelas redes sociais e formando uma só família de irmãos e irmãs que se sentem conectados pela mesma fé cristã. Vamos ser criativos e participar da 19ª Romaria da Santa Cruz, através de três momentos programados e que serão transmitidos pelas redes sociais: Dia 10/09: *Live* sobre o *Mistério da Cruz*, às 20hs; Dia 11/09: *Via Sacra*, à 20hs; Dia 13/09: Missa no local da romaria, às 09hs, com presença limitada, devido ao distanciamento. Recordamos ainda que a romaria é ocasião para ações de caridade nas comunidades.

Com a intercessão da Mãe das Dores, que sempre reúne seus filhos para o encontro com Jesus Cristo, abençoamos a todos com o sinal da cruz, que nos identifica como cristãos.

### **QUERIDA AMAZÔNIA - 05**

Caros diocesanos. Já refletimos várias vezes sobre a Exortação Apostólica, denominada: *Querida Amazônia*, emitida pelo Papa Francisco, em fevereiro passado, em que ele nos fala de quatro sonhos:

- **Sonho social:** uma Amazônia que lute pelos direitos e pela dignidade dos mais pobres;
- **Sonho cultural:** uma Amazônia que preserve a riqueza cultural;
- **Sonho ecológico:** uma Amazônia que guarde com zelo a beleza natural;
- **Sonho eclesial:** uma Igreja com rostos novos, de traços Amazônicos.

Na parte final do documento, o Papa Francisco, depois de valorizar e estimular a significativa presença feminina na evangelização da Amazônia, afirma que os indígenas se encontram com Jesus Cristo por muitos caminhos, mas o caminho, por excelência, é o mariano. Na conclusão apresenta uma bela oração, dirigida à Virgem Maria, a Mãe que Jesus Cristo nos deixou, com o título **A MÃE DA AMAZÔNIA**, que aqui reproduzimos em clima de prece:

*“Mãe da vida, no vosso seio materno formou-Se Jesus, que é o Senhor de tudo o que existe.*

*Ressuscitado, Ele transformou-Vos com a sua luz e fez-Vos Rainha de toda a criação.*

*Por isso Vos pedimos que reineis, Maria, no coração palpitante da Amazônia.*

*Mostrai-Vos como mãe de todas as criaturas, na beleza das flores, dos rios, do grande rio que a atravessa e de tudo o que vibra nas suas florestas.*

*Protegei, com o vosso carinho, aquela explosão de beleza.*

*Pedi a Jesus que derrame todo o seu amor nos homens e mulheres que moram lá,*

*para que saibam admirá-la e cuidar dela.*

*Fazei nascer vosso Filho nos seus corações para que Ele brilhe na Amazônia, nos seus povos e nas suas culturas, com a luz da sua Palavra, com o conforto do seu amor, com a sua mensagem de fraternidade e justiça.*

*Que, em cada Eucaristia, se eleve também tanta maravilha para a glória do Pai.*

*Mãe, olhai para os pobres da Amazônia, porque o seu lar está a ser destruído por interesses mesquinhos.*

*Quanta dor e quanta miséria, quanto abandono e quanto atropelo nesta terra bendita, transbordante de vida!*

*Tocai a sensibilidade dos poderosos porque, apesar de sentirmos que já é tarde, Vós nos chamais a salvar o que ainda vive.*

*Mãe do coração trespassado, que sofreis nos vossos filhos ultrajados e na natureza ferida, reinai Vós na Amazônia juntamente com vosso Filho.*

*Reinai, de modo que ninguém mais se sinta dono da obra de Deus.*

*Em Vós confiamos, Mãe da vida! Não nos abandoneis nesta hora escura.*

*Amém”.*

## MENSAGEM DA DIOCESE – 214

(Mensagens para Rádios e Jornais – Setembro/2020)

### PAPA FRANCISCO E O DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

Caros diocesanos. Com a Carta Apostólica “*Aparuit Illis*” (= *Apareceu-lhes*), o Santo Padre instituiu o 3º Domingo do Tempo Comum como o *Domingo da Palavra de Deus*. Com esta iniciativa, o Papa responde aos muitos pedidos para celebrar “*o Domingo da Palavra de Deus em toda a Igreja e com unidade de intenções... Seja dedicado à celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus*” (n. 2-3). A carta revela uma clara intenção ecumênica ao instituir este domingo e sugere formas para chamar a atenção para a importância da proclamação da Palavra de Deus na Liturgia, como a entronização do texto sagrado, proclamação solene, valorização da homilia como serviço à Palavra, celebração do *rito do Leitorado*.

O Papa Francisco recomenda que a Bíblia chegue às mãos do povo (Leitura Orante ou outras formas de leitura e oração), pois ela “*é o livro do povo do Senhor... A Palavra de Deus une os fiéis e faz deles um só povo*” (n. 4). O Santo Padre volta a dar importância à homilia, como oportunidade pastoral que não pode ser perdida, pois ela é forma privilegiada para tornar a Palavra acessível à sua comunidade, com linguagem simples e adaptada à vida diária. Seja bem preparada, não demasiadamente longa, falando com o coração para os corações dos fiéis (cf. n. 5).

Inspirando-se no texto dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35), o documento recomenda aos catequistas “*familiaridade e estudo das Sagradas Escrituras, de modo que lhes permitam promover um verdadeiro diálogo entre aqueles que os escutam e a Palavra de Deus*” (n. 5-6). Em seguida, o texto do Papa faz a relação indivisível entre a Sagrada Escritura e os Sacramentos, sobretudo a Eucaristia. Os Sacramentos são introduzidos e iluminados pela Palavra: “*Temos urgente necessidade de nos tornarmos familiares e íntimos da Sagrada Escritura e do Ressuscitado, que não cessa de partir a Palavra e o Pão na comunidade dos fiéis... Cristo Jesus bate à nossa porta através da Sagrada Escritura; se ouvirmos e abriremos a porta da mente e do coração, então Ele entra na nossa vida e permanece conosco*” (n. 8).

A carta ainda destaca a importância fundamental do Espírito Santo, pois ele “*transforma a Sagrada Escritura em Palavra viva de*

*Deus, vivida e transmitida na fé do seu povo santo*” (n. 9). Por isso a Palavra permanece sempre nova: “*Hoje cumpriu-se esta Palavra da Escritura que acabais de ouvir*” (Lc 4, 21); e a torna próxima de nós: “*Está bem perto de ti, está em tua boca e em teu coração, para que a ponhas em prática*” (Dt 30, 14) (n. 12 e 15).

Ao concluirmos nossa mensagem de hoje, nossos leitores ou ouvintes poderiam perguntar: - “*Mas nós já não temos o mês de setembro, dedicado à Bíblia (1971), e o Domingo da Bíblia, no final do mesmo mês do ano (antes era 30/09: São Jerônimo)?*”

Podemos responder que sim: a Igreja do Brasil já tem essa tradição, dentro dos *meses temáticos* (agosto, setembro, outubro), e certamente vai continuar a evidenciá-lo durante o ano. A Carta Apostólica do Papa Francisco dá novo destaque e aprofundamento ao que já é tradição nossa e vai ajudar-nos a valorizar ainda mais as diversas formas de celebração da Palavra de Deus, como ocasião privilegiada de encontro com o Senhor (VD 65; DAp 253 e DGAE 2019-2023, n. 88). O 3º Domingo do Tempo Comum, instituído em nível universal como *Domingo da Palavra de Deus*, certamente vai ajudar ainda mais para que nos alimentemos constantemente com a riqueza de sua Palavra na liturgia e na vida diária. E no Brasil, setembro continuará também a ser “*O Mês da Bíblia*”.

## MENSAGEM DA DIOCESE – 215

(Mensagens para Rádios e Jornais – Setembro/2020)

### PASSAGEM DO ‘EU’ MEDROSO AO DOM DE SI

Caros diocesanos. Estamos às vésperas de outubro, o *Mês das Missões*. E o Papa costuma enviar-nos uma mensagem especial para esse tempo, seja para reavivar o nosso espírito de discípulos missionários, assumido desde a nossa Iniciação à Vida Cristã, seja no sentido da missão ‘*ad gentes*’ (aos povos), que consiste na doação missionária mais ampla, inclusive em outras regiões ou países. No presente ano, marcado pelos desafios da pandemia, este caminho missionário inspira-se na vocação do profeta Isaías. Deus convida, dizendo: “*Quem enviarei?*” e o profeta responde: “*Eis-me aqui, envia-me*” (Is 6, 8). Diz o Papa que é uma resposta, sempre nova, à pergunta que provém do coração de Deus e que interpela também a Igreja e a humanidade na atual crise mundial. Aqui é bom recordar as palavras do próprio Papa: “*Fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas, ao mesmo tempo, importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento... Não podemos continuar a estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos*” (Francisco - Praça de São Pedro, 27/03/20).

Na cruz, como missionário do Pai, Jesus nos ensinou que o amor consiste em dar a vida, em sair de si mesmo para salvar os outros. No contexto da pandemia, ser chamado para a missão significa sair de si mesmo por amor de Deus e do próximo, como oportunidade de partilha, de serviço e de intercessão, passando do *eu* medroso e fechado ao *eu* resolutivo e renovado pelo dom de si. Pela fé experimentamos a gratuidade de Deus para conosco: “*Deus é sempre o primeiro a amar-nos e, com este amor, vem ao nosso encontro e chama-nos*” (Papa Francisco).

A Igreja é sacramento universal desse amor divino pelo mundo. Ela prolonga na história a missão de Jesus através do testemunho de fé e de anúncio do Evangelho. E dessa forma, Deus continua a manifestar seu amor a todos os povos, em todo o tempo e lugar. Segundo o Papa, essa missão é resposta livre e consciente ao chamado de Deus. Mas a voz divina só é percebida quando vivemos numa relação pessoal de amor com Jesus vivo na sua Igreja:

*“Estamos prontos a acolher a presença do Espírito Santo na nossa vida, a ouvir a chamada à missão quer no caminho do matrimônio, quer no da virgindade consagrada ou do sacerdócio ordenado?... A ser enviados para qualquer lugar a fim de testemunhar a nossa fé em Deus Pai misericordioso, proclamar o Evangelho da salvação de Jesus Cristo, partilhar a vida divina do Espírito Santo edificando a Igreja?”*

Finalmente, que desafios Deus nos faz durante a pandemia? Como diz o Papa, esta situação deveria tornar-nos mais atentos à nossa maneira de nos relacionarmos com os outros. E a oração, na qual Deus toca e move o nosso coração, abre-nos às carências de amor, dignidade e liberdade dos nossos irmãos, bem como ao cuidado por toda a criação. A impossibilidade de nos reunirmos para celebrar a Eucaristia fez-nos partilhar a condição de muitas comunidades cristãs que não podem celebrar a Missa todos os domingos. Neste contexto, é-nos dirigida novamente a pergunta de Deus – *“Quem enviarei?”*. Ele aguarda de nós resposta generosa e convicta: *“Eis-me aqui, envia-me”* (Is 6, 8). Deus continua a procurar pessoas para enviar ao mundo e às nações, a fim de testemunhar o seu amor, a sua salvação do pecado e da morte, a sua libertação do mal.

Sejamos discípulos missionários no hoje da história; atualmente, no tempo da pandemia.

**Outubro 2020**



### **CRISMA - SACRAMENTO DO ESPÍRITO SANTO**

Caros diocesanos. Dentro do processo unitário da Iniciação à Vida Cristã, a Diocese de Santa Cruz do Sul está dedicando, em 2020, atenção especial para o sacramento da Crisma ou Confirmação, assim como já acontecera com os sacramentos do Batismo (2018) e da Eucaristia (2019). Num primeiro momento, sempre tentamos envolver a todos os fiéis da Igreja particular a fim de retomar e aprofundar nossa vida cristã relativa aos sacramentos assumidos e suas consequências para toda vida. A seguir, o grande objetivo é proporcionar a catequistas, catequizandos e toda comunidade cristã um novo espírito catequético, com características menos doutrinárias e mais litúrgicas, orantes e mistagógicas. Isso não significa que pode haver descuido com o conhecimento intelectual, mas a fé cristã é primeiramente considerada como adesão a uma Pessoa e não a uma doutrina. Portanto, a preocupação maior é proporcionar o encontro com essa Pessoa a quem a vida do catequizando está sendo ligada. Vemos que a liturgia e a catequese andam juntas, são inseparáveis. Portanto, não basta a formação doutrinária. Da mesma forma, ela não pode ser apenas individual ou celebrativa, sem inserir na comunidade de fé. Isso nos ajuda a compreender melhor porque não há celebrações normais do sacramento da crisma no tempo da pandemia.

A partir desta atualização catequética surgem também as questões práticas para serem definidas e assumidas em conjunto, a fim de atingir os objetivos do processo refletido e aprofundado. Estas acabam por exigir diretrizes orientativas de unidade do processo para toda diocese. A elaboração terá que ter participação das bases comunitárias, sobretudo, dos principais agentes envolvidos no processo (clero, catequistas, conselhos e outras lideranças), a fim de que se torne praticável e obtenha caráter de compromisso assumido por todos, tendo em vista a comunhão diocesana.

Mesmo que a pandemia tenha atrasado o processo catequético nas comunidades, conseguimos encaminhar as reflexões e diversos subsídios que fazem parte do aprofundamento relativo ao sacramento da Crisma, inclusive, desafiando o ‘ser cristão adulto na fé’, mesmo em tempo da pandemia, no qual o coronavírus covid-19 ameaçou e colheu tantas vidas em todo planeta.

Vamos iniciar hoje a reflexão sobre o sentido teológico-litúrgico e pastoral deste sacramento, através do qual o ungido recebe o Espírito Santo como um dom de Deus. É, portanto, um novo Pentecostes que se realiza na vida da comunidade cristã, cada vez que este sacramento é celebrado. Não estão mais no Cenáculo de Jerusalém os Apóstolos, com Maria e outros fiéis, mas a Igreja espalhada sobre a face da terra que continua a receber os dons do Espírito Santo pela invocação solene, presidida pelo Bispo ou pelo seu legítimo substituto, quando motiva: *“Roguem os, irmãos e irmãs, a Deus Pai todo-poderoso, que derrame o Espírito Santo sobre estes seus filhos e filhas adotivos, já renascidos no Batismo para a vida eterna, a fim de confirmá-los pela riqueza de seus dons e configurá-los pela sua unção ao Cristo, Filho de Deus”*. E depois reza, impondo as mãos: *“Enviai-lhes o Espírito Santo Paráclito; dai-lhes, Senhor, o espírito de sabedoria e inteligência, o espírito de conselho e fortaleza, o espírito de ciência e piedade e enchei-os do espírito de vosso temor. Por Cristo, nosso Senhor”*. E então segue o momento central do sacramento da Crisma, com a unção do óleo na fronte do confirmando, realizada com a imposição da mão: *“N. (Nome da pessoa) RECEBE, POR ESTE SINAL, O ESPÍRITO SANTO, O DOM DE DEUS”*.

Agradeçamos a graça de sermos crismados ou de estarmos no processo da preparação deste sacramento, enquanto aguardamos a próxima mensagem.

### **IMPORTÂNCIA DO SACRAMENTO DA CRISMA**

Caros diocesanos. Continuamos com a atenção especial para o sacramento da Crisma ou Confirmação. Hoje pretendemos destacar a sua importância e a dignidade que merece sua celebração litúrgica, assim como sua consequente vivência na comunidade cristã. Já vimos anteriormente que a Crisma ou Confirmação é o dom especial do Espírito Santo, prometido por Cristo e derramado sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, e que foi por estes e seus sucessores, os bispos, transmitido através do sacramento da Crisma ou Confirmação. Pelo mesmo se completa o processo da Iniciação à Vida Cristã de modo que os fiéis, fortalecidos pela graça do Alto, possam tornar-se pela palavra e pelo exemplo, testemunhas autênticas de Cristo e participantes vivos da comunidade cristã. Recebem um novo dom, que é a força de testemunhar a própria fé diante do mundo. O Batismo os fez discípulos de Cristo e a Crisma ou Confirmação os tornou missionários, fazendo credível a sua fé. É preciso manter sempre a unidade dos sacramentos da iniciação cristã: no Batismo, os fiéis recebem o perdão dos pecados, adquirem a adoção filial e entram na comunhão da Igreja, além de participarem do sacerdócio de Cristo; pela Crisma ou Confirmação, recebem o dom inefável, o próprio Espírito Santo, ficando mais perfeitamente unidos à Igreja e convocados ao fiel testemunho de Cristo; pela Eucaristia, são alimentados constantemente e inseridos mais plenamente no Corpo místico de Cristo. Desse modo, crescem na recepção dos tesouros da vida divina e podem alcançar sempre maior perfeição na fé e na caridade, a caminho da santidade. Ao falarmos dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, não restringimos o processo da iniciação somente à recepção destes sacramentos, como já afirmamos em outras oportunidades.

Diante de tamanha importância do Sacramento da Crisma ou Confirmação, qual novo Pentecostes em nossas comunidades cristãs, a Igreja adverte os pastores e o Povo de Deus, sobretudo os pais cristãos e catequistas da comunidade, para que os batizados possam ser devidamente preparados e receber todos os sacramentos da iniciação cristã com adequada solenidade e caráter festivo, dentro do espírito catecumenal. Neste contexto torna-se igualmente importante

a figura do padrinho ou da madrinha, como alguém que acompanha o crismando ou crismanda na recepção do sacramento e que ajuda o afilhado ou a afilhada, sobretudo com o testemunho cristão, para cumprir fielmente as promessas assumidas. É significativa a possibilidade que esta função seja assumida pelo próprio padrinho ou madrinha do Batismo, manifestando a íntima relação dos dois sacramentos. De qualquer forma, seja pessoa idônea: suficientemente madura, tenha recebido os três sacramentos da iniciação cristã e não tenha impedimento canônico. Dentro do novo modo de ver a catequese de espírito catecumenal, passou o tempo em que o padrinho ou madrinha são mais figuras decorativas do que cristãos que acompanham e assumem responsabilidades, junto com os pais e a comunidade.

Por fim, é preciso frisar novamente que a Crisma ou Confirmação nos concede “*o Espírito Santo, o dom de Deus*”, uma graça extraordinária, e por isso merece toda importância e dignidade celebrativa. Não somos nós que nos crismamos, mas é Deus que nos unge, nos confirma; e nós somos chamados a colaborar com esse dom, com essa graça, como discípulos missionários, espalhando o *bom odor* de Cristo nos diversos ambientes de convivência.

## **CRISMA - O ESPÍRITO SANTO PRESENTE E ATUANTE NA IGREJA**

Caros diocesanos. Dentro do processo unitário da Iniciação à Vida Cristã estamos dedicando atenção especial para o sacramento da Crisma ou Confirmação. Desejamos retomar e aprofundar nossa vida cristã relativa aos sacramentos assumidos e suas conseqüências para toda vida. Outro objetivo é proporcionar a catequistas, catequizandos e toda comunidade cristã um novo espírito catequético, com características menos doutriniais e mais litúrgicas, orantes e mistagógicas. Vemos que a liturgia e a catequese andam juntas, são inseparáveis. Em vista da unidade diocesana, exigem também diretrizes comuns.

Nas reflexões anteriores já vimos o essencial do sacramento da Crisma ou Confirmação, quando o ungido ou ungida recebe o Espírito Santo como um dom de Deus. É um novo Pentecostes que se realiza na vida da comunidade cristã, cada vez que este sacramento é celebrado. Hoje destacaremos a presença e atuação do Espírito Santo na Igreja, desde o seu início, conduzindo-a pela história até o fim dos séculos. Essa presença e atuação do Espírito Santo é atestada com evidência pelos inumeráveis santos e santas. É ele que santifica a Igreja; sem sua ação não pode existir santidade, como afirma o Papa Francisco: *“O Espírito Santo derrama a santidade, por toda a parte, no santo povo fiel de Deus”* (GE 6). Cada crismado é convidado a viver essa santidade, como rezamos na Missa da Confirmação: *“Alegram a vossa Igreja por uma vida santa...”*.

O Espírito Santo é o grande *dom de Deus*, concedido à Igreja para sua unidade no amor do Pai e do Filho, perpetuando o Pentecostes no mundo e na vida da Igreja de todos os tempos. São Paulo afirma que o Espírito Santo une, congrega e forma a Igreja como um só corpo, embora constituída de muitos membros (cf. 1Cor 12, 12ss). O Espírito Santo é para a Igreja o que significa a água para o peixe e o ar para a pessoa humana. Santo Irineu (séc. II) afirma: *“Assim como a farinha seca não pode, sem água, tornar-se uma só massa nem um só pão, nós também, que somos muitos, não podemos transformar-nos num só corpo, em Cristo Jesus, sem a água que vem do céu. E assim como a terra árida não produz fruto*

*se não for regada, também nós, que éramos antes como uma árvore ressequida, jamais daríamos frutos de vida, sem a chuva da graça enviada do alto*” (cf. LH, Vol. II, p. 926). Portanto, o Espírito Santo fecunda e une, está verdadeiramente atuante na vida cristã. A fé na sua presença e atuação nos faz repetir com os apóstolos no hoje da Igreja: “*O Espírito Santo e nós decidimos...*” (At 15, 28). É Ele que age em cada ação litúrgica; sem a sua presença não há liturgia, pois nela acontece uma espécie de *sinergia* (força conjunta, cooperação, parceria, colaboração) entre o Espírito e a Igreja.

Jesus invocou o Espírito Santo e enviou os apóstolos em missão ao mundo. Será também ele que nos dará seu Espírito e nos enviará como discípulos missionários em nosso tempo: “*Necessitamos de um novo Pentecostes! Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de ‘sentido’, de verdade e de amor, de alegria e de esperança*” (DAp 548). A missão tem origem divina, é realizada por Cristo e continuada pelo Espírito Santo, como protagonista (sujeito) e alma da Igreja evangelizadora (cf. DGAE 2019-2023, nn. 21-22).

Nós, como batizados e crismados, somos parte dessa Igreja assistida, unida, fecundada e enviada pelo Espírito Santo, que está presente nela com sua ação santificadora e faz entender São Paulo, quando diz: “*Acaso não sabeis que sois o santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*” (1Cor 3, 16).

## MENSAGEM DA DIOCESE – 219

(Mensagens para Rádios e Jornais – Outubro/2020)

### CRISMA E ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Caros diocesanos. Com a presença e ação do Espírito Santo nasce nos fiéis crismados um modo de ser, de viver como discípulo missionário de Jesus Cristo, ou seja, surge uma “*espiritualidade*” em sua vida cristã. S. Paulo a define como vida segundo o Espírito (cf. Rm 8, 9), ou vida a partir do Espírito. É o Espírito Santo que inspira (dom, graça) a busca da vontade do Pai, no seguimento de Jesus Cristo, segundo o Evangelho. A espiritualidade dos cristãos, portanto, será a mesma de Jesus, segundo o seu Espírito. Suas palavras, seus sentimentos, suas opções e atitudes de vida serão também as dos seus discípulos missionários. Seu viver é Cristo, diria S. Paulo (cf. Fl 1, 21 e 2, 5). Sendo assim, a espiritualidade é a fonte, “é o vigor do Espírito que a(s) pessoa(s) vai(vão) recolhendo ao longo da sua caminhada” (Fassini D.), que move o ser e o viver de uma pessoa: suas maiores e últimas motivações, seus ideais; enfim, é “*sua utopia, sua paixão, a mística pela qual vive e luta e com a qual contagia*” (Casaldáliga P.). Essa espiritualidade não nasce pronta. Ela é dom (carisma) e é tarefa. Há uma inspiração originária, oferecida gratuitamente pelo Espírito, que exige constante acolhida, concretização existencial na fé (relação teologal) e na ação (compromisso comunitário), cultivo e atualização, de nossa parte. A espiritualidade seria, então, a forma peculiar pela qual um crismado/a ou um grupo de fiéis se sente diante de Cristo e o segue na vida da comunidade de fé.

A espiritualidade cristã é uma realidade bem concreta, não oposta ao ser físico-biológico, do conceito platônico (separação corpo e espírito), mas inerente ao todo do seu ser: “*A espiritualidade ou é personalizada ou não é espiritualidade. Ou abrange todas as dimensões do meu ser (alma e corpo, pensamento e vontade, sexo e fantasia, palavra e ação, interioridade e comunicação, contemplação e luta, gratuidade e compromisso) ou não será minha, não me realizarei nela...*” (Casaldáliga P.). Por isso não podemos confundir espiritualidade com espiritualismos desencarnados e descompromissados ou fundamentalismos anacrônicos. Não podemos querer um Cristo sem carne e sem cruz. Não se trata de fugir

das realidades temporais para encontrar Deus, mas de encontrá-lo em seu trabalho diário e fiel, iluminado pela fé, inclusive em tempos mais difíceis, como em crise de pandemia. O Papa Francisco fala que o Espírito Santo é a alma da Igreja evangelizadora: “*Não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração*” (EG 262). É preciso rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, distante da exigência da caridade, da lógica da encarnação (cf. NMI 52). Igualmente, não bastam obras sociais sem espiritualidade, pois não somos apenas uma ONG ou outra entidade filantrópica, mesmo tendo boas intenções.

Uma sólida e profunda espiritualidade é exigência prioritária de quem recebeu o sacramento da Crisma ou Confirmação, fazendo parte da própria essência vocacional, seja no ministério diaconal ou sacerdotal, na vida consagrada ou na vida cristã leiga. Por ela a pessoa é guiada pelo Espírito e por ele configurada com Cristo, em plena comunhão de amor e de serviço na Igreja. Da espiritualidade depende a fecundidade apostólica, a generosidade no amor aos pobres, a própria atração vocacional sobre as novas gerações (cf. VC 93). Como afirma Segundo Galilea: “*Ela é a seiva da pastoral, da teologia, e da comunidade*”.

**Novembro 2020**



## MENSAGEM DA DIOCESE – 220

(Mensagens para Rádios e Jornais – Novembro/2020)

### NASCIMENTO DE UM DEUS QUE É DE PAZ

Caros diocesanos. Motivados pelos meios de comunicação e pelo mundo comercial, já estamos envolvidos por frequentes anúncios do Natal, sobretudo dentro do espírito da sociedade de consumo. Como cristãos, desejamos viver a proximidade do Natal, preparando-nos devidamente para acolher Aquele que vem ser *Deus conosco*. Para que isso possa acontecer, teremos que iluminar-nos com a Palavra de Deus a fim de não construirmos ídolos individualistas, a nosso gosto, e anunciá-los com títulos divinos. Em novembro e dezembro do presente ano, vamos dedicar nossas mensagens a esse acontecimento que dividiu a história da humanidade em *antes* e em *depois* do nascimento de Jesus Cristo, aproveitando também, de forma especial, a carta apostólica natalina do Papa Francisco (2019): “Admirável Sinal”.

Vejamos, neste primeiro momento, como o Deus do Natal é anunciado e se manifesta em Jesus Cristo. Na liturgia da noite de nascimento do *Menino-Deus*, o profeta Isaías (Is 9, 2-7) o apresenta como *luz* e *alegria*, como o “*Príncipe da Paz*”, uma *paz* que “*não terá fim*”. Portanto, a paz será a identidade do *Pequenino* que vai nascer. Na mesma noite do Natal, a liturgia nos revela que os anjos, ao anunciar aos pastores o nascimento de Jesus, assim cantam: “*Glória a Deus no mais alto dos céus, e na terra, paz a todos por ele amados*” (Lc 2, 14). É o mesmo Jesus que mais tarde vai proclamar: “*Bem-aventurados os que promovem a paz, pois serão chamados filhos de Deus*” (Mt 5, 9); e que vai admoestar o discípulo Pedro contra a violência: “*Põe a espada na bainha. Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?*” (Jo 18, 11).

No mundo dos humanos também encontramos, com certa raridade, pessoas que têm muito de divino, ou seja, que são capazes de orientar-se pelo princípio da paz ativa, da justiça, da solidariedade, e não dos interesses egoístas. São pessoas que têm lugar e tempo para o próximo, que olham para os outros porque reconhecem neles irmãos, tão dignos como eles próprios. São pessoas que não se deixam guiar simplesmente por referências estéticas, pela classe social, pela riqueza ou poder, mas pelos valores da dignidade, do

respeito, da vida à imagem e semelhança de Deus, neles presentes.

Vivemos hoje um tempo de muitas polarizações, sobretudo pelas redes sociais, com fortes tendências a posições extremas que descambam, com frequência, para o ódio e a violência. Por vezes, até o nome de Deus é usado para tais atitudes, nada cristãs. Percebemos que estas manifestações não são coerentes com o modo de ser e anunciar de Jesus Cristo, que se fez um de nós para que possamos unir-nos a Ele. O verdadeiro Natal somente é possível em corações que alimentam a paz. Os corações violentos e alimentados pelo ódio o mandam, ainda hoje, para as grutas frias da Belém mais próxima.

Portanto, a verdadeira paz não consiste apenas em resolver conflitos ou em realizar acordos com diplomacia e, muito menos, com o espírito dos antigos romanos, que diziam: “*Si vis pacem para bellum*” (= *Se queres a paz prepara a guerra*). Construir a verdadeira Paz é tornar presente o modo de ser do próprio Deus, pois Ele é a Paz. É por isso que Santo Agostinho (Séc. V) afirma: “*Nosso coração só estará em paz quando descansar em Deus*”. Construir a paz, ser mensageiro da paz, faz parte do esforço humano, mas depende, sobretudo, da presença e ação divina, acolhida em nós. Somente com Deus é possível a verdadeira paz: “*Se queres a paz prepara a Paz*” (Paulo VI). E com São Francisco de Assis, digamos: “*Senhor, fazei de mim instrumento de vossa paz*”.

## MENSAGEM DA DIOCESE – 221

(Mensagens para Rádios e Jornais – Novembro/2020)

### NASCIMENTO DE UM DEUS QUE SE FAZ PEQUENO

Caros diocesanos. Aproxima-se o tempo do Advento e do Natal. Já estamos cercados de publicidade natalina, prometendo-nos felicidade através dos presentes que são oferecidos. Tudo isso pode fazer parte dos festejos do Natal e do fim de ano, mas deve ser consequência da vinda entre nós do Salvador da humanidade, cujo nascimento celebraremos. Neste tempo em que usamos tantos superlativos, escritos ou falados, vamos celebrar um Deus que se faz *Emanuel – Deus conosco*, que se faz pequeno, criança impotente, nascendo numa gruta, com Maria e José, em meio a animais e visita de pobres pastores. Como diz o Papa Francisco: “*Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura*” (EG 286). Neste meio, José aparece como o homem justo e obediente à vontade de Deus, que protege o Menino e sua Mãe. Este nascimento tão simples choca a esperança messiânica reinante em Israel, como escandalizaria também hoje. Isso nos faz refletir sobre a imagem de Deus que alimentamos em nossa vida, em nossas expressões e atitudes religiosas.

Creio que São Francisco de Assis, o criador do presépio, em Greccio - Itália (Natal de 1223), nos ajuda nesta reflexão. O santo não cansava de meditar a Sagrada Escritura e nela encontrou um Deus que se fez pequeno: “*A Palavra se fez carne e veio morar entre nós*” (Jo 1, 14) e tudo isso aconteceu na simplicidade da gruta de Belém (cf. Lc 2, 1-20). Como Deus, assumiu nossa condição humana, na pessoa de Jesus Cristo: “*Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, ... para recebermos a dignidade de filhos*” (Gl 4, 4-5).

São Francisco de Assis, ao encontrar-se com essa Palavra de Deus e outros textos, que não cansava de meditar, sentia-se fascinado especialmente por três mistérios ou acontecimentos, nos quais Deus se fez pequeno, menor, para estar muito próximo de nós. Ele se fez *criança*, ao nascer de Maria, em Belém; fez-se pobre e pequeno na *cruz*, ao encarnar-se na dor, no sofrimento e na morte humana; fez-se e continua a fazer-se menor até hoje na presença humilde da *Eucaristia*: “*Diariamente ele se humilha, como quando*

*veio do trono real ao útero da Virgem; diariamente ele vem a nós em aparência humilde; diariamente ele desce do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote”* (Adm 1, 16-18). Na visão franciscana, portanto, a pequenez de Deus transparece, sobretudo, nos mistérios do *nascimento*, da *cruz* e da *eucaristia*. Por isso, estes três símbolos estão colocados, em nosso escudo episcopal, ao redor do livro da Palavra de Deus.

Como percebemos, Deus continua a encarnar-se, tornando-se pequeno, menor, para ser acessível à realidade humana, a fim de salvá-la e uni-la ao divino. Também neste tempo de pandemia o Senhor deseja encarnar-se, tornar-se presente, de modo especial pela sua Palavra e pela comunhão fraterna. Ele deseja estar conosco em nossa pequenez diante do coronavírus, qual perseguição de Herodes que nos obriga a cuidar da vida e a fugir para o isolamento; Jesus quer nascer entre nós para termos a força de suportarmos nossos medos e dores, colocando-os em nossa cruz de cada dia, que Ele carrega conosco; Ele nasce entre nós na simplicidade da Eucaristia, mais distante de nós neste tempo da pandemia; como para Maria e José, que estavam longe da casa de Nazaré, mas que souberam responder com fé e entrega total para cuidar do Filho de Deus, mesmo em tempos de perseguição e em terra estranha, sem os recursos necessários.

Todos nós e nossas famílias somos convidados para acolher este mistério da presença de Deus que se fez e se faz pequeno. Ele quer habitar em nossa casa para ser o *Deus-conosco*, sobretudo neste tempo de pandemia. Já é tempo de preparar-se!

## MENSAGEM DA DIOCESE – 222

(Mensagens para Rádios e Jornais – Novembro/2020)

### ADVENTO E NATAL – TEMPO DE ESPERANÇA

Caros diocesanos. O dinamismo da esperança move a nossa vida. Estamos chegando ao final de mais um Ano litúrgico e prontos a iniciar o novo, já próximo, com o Advento - tempo privilegiado para fazermos uma profunda experiência de pessoas que esperam, como fala a Igreja: “*Tempo de feliz e piedosa expectativa*”. Vivemos a espera da vinda do Salvador entre nós: a presença de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que assume a nossa condição humana. É a troca de dons entre o céu e a terra, como reza a liturgia do Natal.

Igualmente, estamos vivendo um final de ano que, certamente, em meio a aspectos positivos, ficará também marcado por muitas e frustrantes experiências em nosso país, seja no sentido político e econômico, social e ético, mas sobretudo da saúde por causa da pandemia do coronavírus covid-19, que continua a assolar o país e o mundo. Até já percebemos uma certa apatia e conformismo anestesiado em relação ao nosso futuro. Igualmente nos damos conta o quanto somos enganados com as efêmeras promessas de felicidade através da visão egoísta da vida que endeusa o poder de mercado, o consumismo insaciável e o bem-estar como objetivo último da vida. Podemos também tirar lições positivas em meio à situação difícil. Está ficando sempre mais claro o que realmente é importante na vida: sua origem, sua dignidade, os seus verdadeiros valores, seu destino. Não podemos conceber uma vida humana sem perspectiva de esperança. Como diz a sabedoria popular: “*A esperança é a última que morre*”. Aprendamos todos que é preciso retomar os valores fundamentais da vida humana e cívica, da vida orientada pela ética e pelo espírito cristão. Se continuarmos a nos alimentar com falsas e fictícias esperanças, poderemos chegar ao que chamamos de “*desesperança*”, o que pode trazer consequências imprevisíveis para o presente e para o futuro.

A esperança é fundamental para que o ser humano encontre um sentido para sua vida. Ela faz parte de nossa natureza humana. Para nós cristãos, esta dinâmica da esperança é ainda maior e mais intensiva, pois em Jesus Cristo já se realizou o que nós esperamos e Ele nos dá a certeza de que também nós, unidos a Ele, poderemos

participar dessa realização. Tudo isso inicia com a presença de Deus entre nós. Sua encarnação torna-se o momento alto, que a Escritura chama “*plenitude dos tempos*” (Gl 4, 4): Deus vem habitar entre nós e torna possível que nossa esperança de vida plena e de eternidade feliz se realize, já iniciando neste mundo. Vivamos intensamente este mistério na celebração do Natal cristão. Para esta experiência não bastam mesas fartas, enfeites luminosos, presentes generosos e figuras de Papai Noel para todos os lados; ou mesmo algumas “preces mágicas” pelas redes sociais, mas distantes de uma verdadeira vida cristã, que se caracteriza pelo cultivo fiel da filiação divina e da pertença à comunidade, onde Deus se faz presente de forma privilegiada.

Por isso, celebremos o Natal com a presença de Jesus Cristo e sua nova forma de viver no espírito da justiça, da fraternidade e do amor. Neste ano da pandemia inspiremo-nos em Maria Santíssima que, segundo o Papa Francisco, soube transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura: “*Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça*” (EG 286). Que Advento e Natal sejam tempos privilegiados para reconstruir a esperança de um pós-pandemia, com melhor normalidade, a partir de Deus.

## MENSAGEM DA DIOCESE – 223

(Mensagens para Rádios e Jornais – Novembro/2020)

### ADVENTO E NATAL – TEMPO DE ESPERANÇA E DE ORAÇÃO

Caros diocesanos. Vivemos em 2020 um ano muito diferente dos outros, em que uma pandemia nos deixou apreensivos, inseguros, com medo e até ameaçados pela morte. A saúde do planeta sentiu-se fragilizada diante de um vírus de tamanho invisível. Até nos acostumamos a ouvir frases de impacto, como essa: “*O planeta está doente*”. O coronavírus Covid 19 colocou em crise desesperadora o poder, o mercado e seus endeusados objetivos de consumo e de bem-estar. Perto de nós, certamente também nos damos conta das graves consequências sociais, políticas, econômicas e não deixaram de aparecer sinais de crise existencial que questionaram o próprio sentido da vida, apontando para sinais preocupantes de desesperança. Outros perderam a capacidade do diálogo, se tornaram intolerantes ou viveram agressivos e em solidão. Não perceberam a presença de Deus em meio ao sofrimento e à difícil situação de saúde que se havia criado; ou somente viram um Deus castigador ou até ausente ou indiferente. Situações como estas se parecem como um Natal, apenas com um Papai Noel na manjedoura, figura fictícia e mítica de um natal pagão e que não consegue dar sentido à nossa vida, sobretudo em momentos de dificuldade.

Mas o tempo da pandemia também nos revelou que é hora de voltar os olhos para o essencial da nossa vida: sua origem, seu sentido, seus valores, seu destino. Como cristãos, experimentamos durante a quarentena o quanto dependemos da graça divina e da solidariedade dos outros. Talvez nunca sentimos tanta necessidade de celebrar a presença de Deus na Páscoa de nossa vida, como neste ano, para unir nossos medos e sofrimentos à cruz do Senhor, e de inspirar-nos na ressurreição de Jesus Cristo a fim de podermos viver a esperança na saúde e na vida nova, e mesmo na vida eterna. Sentimos necessidade de lembrar que Jesus Cristo vive e que nos quer vivos e que Ele está conosco, também nas horas difíceis, em que a cruz do sofrimento se apresenta.

Em 2020 desejamos celebrar um Natal com a presença do *Emanuel – Deus conosco!* Com ou sem pandemia, será Ele nossa

alegria, nossa esperança e nossa luz. Não percamos esta oportunidade! Faz tão bem cantarmos neste tempo de pandemia: *“Vem, Senhor Jesus, o mundo precisa de Ti”!*

Estamos no advento, tempo de preparação para o santo Natal. Um Natal sem a presença de Jesus é vazio e será mais uma festa, como tantas outras. O verdadeiro Natal consiste em acolher Jesus como nosso salvador, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza. Com Ele poderemos dar novo sentido a todas as situações de nossa vida, até mesmo à pandemia do Covid-19. Jesus Cristo vem apagar a escuridão do nosso pecado e acender nova luz para devolver-nos o horizonte da esperança e a alegria de viver e conviver. Ele vem ao nosso encontro para que nós possamos ir a Ele e receber seu perdão, iniciando vida nova e melhor.

O Advento é tempo de renovar a esperança e tempo propício de oração. Por isso rezemos com a Igreja: *“Ó Deus, Pai de misericórdia, a encarnação de vosso Filho mereceu-nos novo sentido para a vida. Nele fomos recriados com dignidade sem par, que nos tornou filhos e herdeiros, vocacionados a participar de vossa vida divina. Concedei-nos a graça de irmos vigilantes ao encontro de seu nascimento, com as lâmpadas acesas, sobretudo neste temido tempo da pandemia. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém!”*

**Dezembro 2020**



## MENSAGEM DA DIOCESE – 224

(Mensagens para Rádios e Jornais – Dezembro/2020)

### PRESÉPIO - ADMIRÁVEL SINAL - 01

Caros diocesanos. No dia 01 de dezembro do ano passado, o Papa Francisco emitiu uma Carta Pastoral, chamada *Admirável Sinal*, referindo-se ao rico significado e valor do presépio cristão, celebrado pela primeira vez, em Greccio – Itália (1223), por São Francisco de Assis. O Papa afirma que o presépio é um evangelho vivo sobre o mistério da encarnação, pelo qual Deus assume a condição humana a fim de encontrar-se conosco e assim nós possamos unir-nos a Ele, fazendo a experiência de seu amor por nós. A liturgia do Natal nos ajuda a vivenciar este mistério, quando reza: “*Ó Deus, que admiravelmente criastes o ser humano e mais admiravelmente restabeleceste a sua dignidade, dai-nos participar da divindade do vosso Filho, que se dignou assumir a nossa humanidade*” (Oração do Dia - Missa do Dia). Ou ainda: “*Acolhei, ó Deus, a oferenda da festa de hoje, na qual o céu e a terra trocam os seus dons, e dai-nos participar da divindade daquele que uniu a vós a nossa humanidade*” (Oração Sobre as Oferendas - Missa da Noite).

A origem do presépio, atribuída a São Francisco de Assis, se espelha no próprio Evangelho de Lucas, ao afirmar que, completados os dias de Maria dar à luz, “*teve o seu filho primogênito, que envolveu em panos e colocou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria*” (Lc 2, 7). Jesus é colocado numa manjedoura, que em latim é chamada *praeseptum*, donde vem a palavra *presépio*, lugar onde os animais vão comer. O objetivo do Papa, ao escrever esta carta é incentivar esta rica espiritualidade popular, apoiando a tradição bonita das famílias de prepararem o presépio, nos dias que antecedem o Natal, e também o costume de o armarem em lugares de trabalho, em escolas, hospitais, estabelecimentos prisionais, praças.

Para entendermos melhor como nasceu a tradição do presépio, voltemos nosso pensamento para 1223, no lugar chamado Greccio, onde há um rochedo, com grutas. Francisco de Assis desejava ver com os próprios olhos a humildade e a pobreza do Menino nascido e deitado na palha de uma manjedoura, entre o boi e o burro. Por isso, o santo de Assis pede a um amigo, de nome *João*, para preparar tudo,

semelhante ao que aconteceu em Belém: boi, burro, manjedoura com palha. No dia 25 de dezembro chegaram muitos frades, assim como homens e mulheres da região, com flores e tochas para iluminar a noite. Os presentes vivem uma alegria indescritível. O sacerdote celebra a Eucaristia e Francisco proclama o Evangelho (cf. 1Cel 85). O biógrafo Celano destaca algumas características desse primeiro presépio: o Presépio de Greccio é também formado pelas pessoas que estavam presentes; uma delas viu na manjedoura o próprio Menino Jesus; todos voltaram para casa cheios de inefável alegria; “*O Menino que tinha sido relegado ao esquecimento nos corações de muitos, neles ele ressuscitou*” (1Cel 86). Igualmente, todos nós desejamos ser figuras participantes do presépio, ao celebrarmos os mistérios do Natal; também hoje, Jesus se faz presente e quer reavivar a nossa fé, causando inefável alegria que nos faz cantar *Noite Feliz!*

Por que o presépio causa tanto enlevo e nos comove? Porque Deus manifesta sua ternura: abaixa-se até nossa pequenez; em Jesus, o Pai deu-nos um Irmão e um Amigo que está sempre ao nosso lado; deu-nos o seu Filho, que nos perdoa e ergue do pecado. O presépio ajuda a imaginar as várias cenas, estimula os afetos, convida a sentir-nos envolvidos na história da salvação, tornando-a viva e atual para nós; é um convite a seguirmos sua pobreza e humildade e um apelo a encontrá-lo e servi-lo nos irmãos/ãs.

## MENSAGEM DA DIOCESE – 225

(Mensagens para Rádios e Jornais – Dezembro/2020)

### PRESÉPIO - ADMIRÁVEL SINAL - 02

Caros diocesanos. No Natal passado, o Papa Francisco emitiu uma Carta Pastoral, chamada *Admirável Sinal*, apresentando o rico significado e valor do presépio cristão, considerando-o evangelho vivo. O presépio foi celebrado pela primeira vez, em Greccio – Itália (1223), por São Francisco de Assis. O Papa afirma que o presépio é um símbolo que mostra o inefável amor de Deus ao assumir a nossa condição humana para nos salvar.

Na mensagem anterior, abordamos a origem histórica do presépio e sua rica espiritualidade popular que envolve a todos nós. Hoje continuamos a refletir sobre a riqueza da Carta do nosso Papa, que destaca diversos sinais que se fazem presentes em muitos presépios, como a relação trevas/luz: céu estrelado na escuridão e no silêncio da noite: Deus não nos deixa sozinhos quando a noite envolve nossa vida e dá sentido à nossa existência; sua proximidade traz luz onde há escuridão; os anjos e a estrela-cometa são sinal de que também nós somos chamados a pôr-nos a caminho para ir à gruta adorar o Senhor, num encontro de amor e admiração. Outro sinal presente, em quase todos os presépios, é a natureza, com suas montanhas e seus riachos: toda criação participa na festa da vinda do Messias. Os pastores com suas ovelhas põem-se a caminho e tornam-se as primeiras testemunhas do essencial: ir ao encontro do Salvador que nasceu; são os mais humildes e os mais pobres que sabem acolher o acontecimento da encarnação. Os Magos do oriente põem-se a caminho para conhecer, adorar Jesus e oferecer-lhe presentes: ouro (realeza), incenso (divindade) e mirra (humanidade); os Magos ensinam que se pode partir de muito longe para chegar a Cristo; o Deus que regula o curso dos astros, também guia o curso da história; com alegria retornam como mensageiros da boa-nova para os gentios.

Depois da apresentação destes sinais e ainda de outros, o Papa fala sobre as figuras principais do presépio: *Maria*, *José* e o *Menino-Deus*.

**Maria:** contempla e mostra o Menino aos visitantes; responde com obediência plena: “*Eis aqui a serva do Senhor*” (Lc

1, 38); ensina-nos a abandonar-se, na fé, à vontade de Deus e a fazer tudo o que Ele nos disser (cf. Jo 2, 5); *“Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura”* (EG 286).

**José:** o homem justo e obediente à vontade de Deus, com atitude de quem protege o Menino e sua Mãe; é o guardião que nunca se cansa de proteger a sua família: foge de Herodes e depois se torna o primeiro educador de Jesus, na sua infância e adolescência.

**Menino Jesus:** Deus se apresenta como menino, de mãos estendidas, a ser acolhido em nossos braços, revelando a grandeza de seu amor para todos. Ele deseja estar presente em nossa vida, inserida na sua; o presépio faz-nos ver e tocar o acontecimento que mudou o curso da história, em antes e depois; *“Que surpresa ver Deus adotar os nossos próprios comportamentos: dorme, mama ao peito da mãe, chora e brinca, como todas as crianças. Como sempre, Deus gera perplexidade, é imprevisível, aparece continuamente fora dos nossos esquemas”*.

Concluimos com uma frase que se encontra entre as orações de São Francisco de Assis: *“Porque um Menino santíssimo e dileto nos foi dado e nasceu por nós (cf. Is 9,6) no caminho e foi colocado no presépio (cf. Lc 2,12), porque ele não tinha um lugar na hospedaria (cf. Lc 2,7)”*. Na próxima mensagem continuaremos a reflexão do nosso Papa.

## MENSAGEM DA DIOCESE – 226

(Mensagens para Rádios e Jornais – Dezembro/2020)

### PRESÉPIO - ADMIRÁVEL SINAL - 03

Caros diocesanos. O Natal se aproxima e continuamos a refletir a Carta do Papa Francisco, chamada *Admirável Sinal*, sobre o significado e valor do presépio, considerado evangelho vivo, que apresenta, em linguagem simbólica, o inefável amor de Deus ao nascer entre nós. Nas mensagens anteriores versamos sobre a origem histórica do presépio, sua rica espiritualidade popular e os sinais que nele se fazem presentes. Hoje continuamos a refletir sobre a parte final da Carta, em que o Papa insiste que o presépio é para todas as idades: Os adultos recordam a infância, o tempo de armar o presépio que ajudou a transmitir-lhes a fé cristã. Agora é seu dever e alegria proporcionar a mesma experiência aos filhos e netos: *“Não é importante a forma como se arma o Presépio; pode ser sempre igual ou modificá-la cada ano. O que conta é que fale à nossa vida. Por todo o lado e na forma que for, o Presépio narra o amor de Deus, o Deus que Se fez menino para nos dizer quão próximo está de cada ser humano”*. E o Papa conclui, dizendo: *“O Presépio educa-nos para contemplar Jesus, sentir o amor de Deus por nós, sentir e acreditar que Deus está conosco e nós estamos com Ele, todos filhos e irmãos graças àquele Menino Filho de Deus e da Virgem Maria... Na escola de São Francisco, abramos o coração a esta graça singela”*.

No final de nossa mensagem apresentaremos um texto de Natal do Papa Francisco, emitido em dezembro de 2015: *O Natal é Você*.

- *“O Natal costuma ser uma festa ruidosa, há muito barulho; nos faria muito bem um pouco mais de silêncio, para ouvirmos a voz do Amor.”*
- *Natal é você, quando decide nascer de novo, cada dia, deixando que Deus penetre seu interior.*
- *O pinheiro do Natal é você, quando resiste fortemente aos ventos e dificuldades da vida.*
- *Os enfeites de natal são você, quando suas virtudes são cores que enfeitam a vida.*
- *O sino do natal é você, quando chama, une, reúne, congrega*

pessoas.

- A luz do natal é você, quando ilumina com sua vida o caminho dos outros através da bondade, paciência, alegria, generosidade.
- Os anjos do natal são você, quando canta ao mundo uma mensagem de paz, de justiça e de amor.
- A estrela do natal é você, quando conduz alguém ao encontro do Senhor.
- Você também é os reis magos, quando dá o melhor que tem aos necessitados.
- A música do natal é você, quando consegue encontrar harmonia interior.
- O presente do natal é você, quando é verdadeiramente amigo e irmão de todo ser humano.
- O cartão de natal é você, quando a bondade está escrita em suas mãos.
- A felicidade do natal é você, quando perdoa e restabelece a paz mesmo que ainda esteja sofrendo.
- O presépio do natal é você, quando sacia de pão e de esperança o pobre que está ao seu lado.
- Você é, sim, a noite de natal, quando humilde e consciente recebe, no silêncio da noite o Salvador do mundo sem barulho nem celebrações, você é sorriso de confiança e ternura na paz de um natal perene, que estabelece o reino em você”.

## MENSAGEM DA DIOCESE – 227

(Mensagens para Rádios e Jornais – Dezembro/2020)

### RELAÇÃO ENTRE PRESÉPIO E EUCARISTIA

Caros diocesanos. O Natal se aproxima e continuamos a refletir a Carta do Papa Francisco, por ele chamada *Admirável Sinal*, sobre o significado e valor do presépio, considerado evangelho vivo do amor de Deus, ao nascer entre nós. Em mensagens anteriores já refletimos sobre diversos aspectos que o rico simbolismo do presépio nos apresenta.

Na solenidade do Natal nós desejamos participar da Eucaristia como forma, por excelência, de tornar presente o nascimento do Senhor entre nós. Ele é *a Palavra que se fez carne e veio morar entre nós* (cf. Jo 1, 14); Ele é *o Pão vivo* que desceu do céu (cf. 6, 51). Ele mesmo renasce em nós e entre nós, quando nosso coração, nossa vida diária, nossas famílias e comunidades se tornam o presépio acolhedor de sua presença. No Natal de 2020, nascerá também entre nós no frágil presépio armado pela realidade da pandemia, algo parecido como em Belém, onde não havia covid-19, mas havia o vírus da não-acolhida e a Sagrada Família teve que abrigar-se no distanciamento, em gruta fria dos arredores, entre animais: “*Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura*” (EG 286).

Mas continuemos nossa reflexão em torno do tema do presépio e da eucaristia, lembrado pelo Papa Francisco na *Carta Admirável Sinal* e tão valorizado pelo próprio Santo de Assis. Ao entrar neste mundo, o Filho de Deus encontra lugar onde os animais vão comer. A palha torna-se o primeiro lugar de acolhida para Aquele que se há de revelar como “*o pão vivo que desceu do céu*” (Jo 6, 51). Encontramos aqui uma simbologia patrística, que já Santo Agostinho tinha entrevisto, quando escreveu: “*Deitado numa manjedoura, torna-se nosso alimento*” (*Sermão* 189, 4).

São Francisco de Assis une o primeiro presépio com a celebração da Eucaristia, no Natal de Greccio, em 1223: “*O Santo de Deus está de pé diante do presépio, cheio de suspiros, contrito de piedade e transbordante de admirável alegria. Celebra-se a solenidade da missa sobre o presépio, e o sacerdote frui nova consolação*” (1Cel 85). O próprio Santo proclama o Evangelho do

nascimento do Salvador e faz a pregação: “*Muitas vezes, quando queria nomear o Cristo Jesus, abrasado em excessivo amor; chamava-o de ‘Menino de Belém’*” (1Cel 86). Depois da celebração do primeiro presépio, o biógrafo Celano dá outra significativa informação: “*O lugar do presépio foi consagrado como templo ao Senhor; e em honra do beatíssimo pai Francisco construiu-se sobre o presépio um altar; e dedicou-se uma igreja, para que onde uma vez os animais comeram forragem de feno, aí doravante os homens comam, para a salvação da alma e do corpo, a carne do cordeiro imaculado e não contaminado, Nosso Senhor Jesus Cristo, que com a suprema e inefável caridade se entregou a si mesmo por nós, e que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, Deus eternamente glorioso, por todos os séculos dos séculos*” (1Cel 87).

Nos escritos de São Francisco de Assis, mais precisamente nas Admoestações, encontramos o seguinte texto: “*Eis que diariamente ele se humilha (cf. Fl 2,8), como quando veio do trono real (Sb 18, 15) ao útero da Virgem; diariamente ele vem a nós em aparência humilde; diariamente ele desce do seio do Pai (cf. Jo 6,38; 1,18) sobre o altar nas mãos do sacerdote*” (Adm 1, 16-18).

São Francisco vê profunda relação entre Presépio e Eucaristia. E isso continua valendo também para nós. Feliz e Santo Natal, com a presença de Jesus Cristo!

## MENSAGEM DA DIOCESE – 228

(Mensagens para Rádios e Jornais – Dezembro/2020)

### ANO DE SOFRIMENTOS E APRENDIZAGENS

Caros diocesanos. Durante as duas primeiras décadas do novo milênio, nos acostumamos a ouvir ou ler, nas análises de conjuntura, que não podemos mais falar em época de mudanças, mas em *mudança de época* (cf. DAp 44 e DG 2019-2023, n. 43ss e DG anteriores). Com isso se dá atenção às grandes e rápidas transformações em curso na história da humanidade, a fim de poder interagir melhor com esta nova realidade, tendo em vista o Reino de Deus. Estas mudanças não se revelam em aspectos secundários, mas atingem as compreensões mais profundas da vida, de Deus, do ser humano, da família, enfim, de toda realidade (cf. DG 2019-2023, nn. 43-44).

Ninguém imaginaria, contudo, que em 2020 nosso planeta se colocaria de joelhos, diante de um vírus microscópico, de origem desconhecida, difícil de combater e letal para milhares de pessoas, em todos os continentes, deixando marcas e consequências sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas indeléveis. A história vai registrar 2020 como um ano excepcional, totalmente diferente dos outros.

Junto com a comunidade mundial, nós brasileiros vivemos um tempo difícil, cheio de incertezas, de orientações confusas e contraditórias, de inúmeras perguntas sem resposta, e as apreensões e o sofrimento não deixaram de rondar próximos de cada um de nós, de nossas famílias e comunidades. A pandemia constituiu-se num verdadeiro tempo de penitência que foi exigindo sábias e criativas respostas, sobretudo, com novas formas de convivência, de expressão da fé, da esperança e da caridade.

Como cristãos, tivemos no Evangelho do Bom Samaritano nossa iluminação maior, junto com a sabedoria de nossa Papa Francisco e das orientações da CNBB. Mais do que nunca foi preciso *ver, ter compaixão e cuidar* da vida, como indicou a Campanha da Fraternidade: *Vida – dom e compromisso*. Em nossas orientações diocesanas sempre tentamos seguir esta luz do Evangelho e da Igreja, observando as indicações das autoridades civis e sanitárias regionais; tentamos realizar o que era possível.

A experiência de reclusão em nossas casas, diante da presença do Coronavírus covid-19, desafiou-nos a descobrir novas maneiras de convivência humana, como aconteceu com as celebrações comunitárias em nossos templos. As dificuldades de nos reunirmos nas igrejas fez valorizar mais a presença do Senhor entre nós por outras formas e expressões, especialmente, como pequenos grupos orantes (Igreja doméstica): “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles*” (Mt 18, 20). Importantes também foram as celebrações acompanhadas por outros meios de comunicação: rádio, TV e redes sociais.

Começamos também a perceber mais a presença do Senhor pela caridade com os irmãos, sobretudo os mais necessitados. Assim damos conta que as mãos que elevamos em oração devem ser as mesmas que se estendem aos irmãos, pois o serviço da caridade é inerente ao nosso ser cristão e não uma questão opcional ou extraordinária.

A pandemia nos ensinou a importância da união das forças no cuidado do precioso dom de nossa vida. Experimentamos na quarentena o quanto somos dependentes da graça divina e dos serviços dos outros. Este tempo de crise nos mostrou a necessidade de voltar os olhos para o essencial da vida: sua origem, seu sentido, seus valores, seu destino.

Concluimos 2020 com a esperança que sejam logo descobertos remédios de cura ou vacinas seguras de prevenção e da nova normalidade melhor, desejamos *Feliz Ano Novo!*

# Índice

INTRODUÇÃO.....	5
PAZ E GRATUIDADE.....	9
O SACRAMENTO DA CRISMA E A DECISÃO VOCACIONAL.....	11
O SINAL DA CRUZ.....	13
VALOR DA AMIZADE.....	15
AMIZADE COM DEUS.....	17
ORIENTAÇÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES NA IGREJA CATÓLICA.....	21
O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA.....	23
SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A FRATERNIDADE UNIVERSAL.....	25
SÃO FRANCISCO DE ASSIS E O SULTÃO.....	27
O TEMPO LITÚRGICO DA QUARESMA E CAMPANHA DA FRATERNIDADE .....	31
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020.....	33
ORAÇÃO E HINO DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020.....	35
CORONAVIRUS: ORIENTAÇÃO PARA CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS E OUTRAS CONCENTRAÇÕES.....	37
O SENTIDO DA VIDA E A CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2020.....	41
UNIDADE SACERDOTAL E OS SANTOS ÓLEOS.....	43
A RESSURREIÇÃO DE JESUS.....	45
MEDO E ALEGRIA NA RESSURREIÇÃO.....	47
O RESSUSCITADO E OS DISCÍPULOS DE EMAÚS.....	49
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS.....	53
DA PÁSCOA DE COELHOS PARA A PÁSCOA DE JOELHOS.....	55
AS PORTAS FECHADAS.....	57
CATEQUESE EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	59
LITURGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	63
CORPUS CHRISTI EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	65
CARIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	67
SANTIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	69
ESPERANÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	73
VIVER A FÉ EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	75

COMUNIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	77
ECONOMIA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	79
FESTAS EM TEMPO DE PANDEMIA.....	81
ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA – FESTA DA ESPERANÇA.....	85
QUERIDA AMAZÔNIA – 01.....	87
QUERIDA AMAZÔNIA – 02.....	89
QUERIDA AMAZÔNIA – 03.....	91
QUERIDA AMAZÔNIA – 04.....	95
ROMARIA DA SANTA CRUZ EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	97
QUERIDA AMAZÔNIA – 05.....	99
PAPA FRANCISCO E O DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS.....	101
PASSAGEM DO ‘EU’ MEDROSO AO DOM DE SI.....	103
CRISMA - SACRAMENTO DO ESPÍRITO SANTO.....	107
IMPORTÂNCIA DO SACRAMENTO DA CRISMA.....	109
CRISMA - O ESPÍRITO SANTO PRESENTE E ATUANTE NA IGREJA.....	111
CRISMA E ESPIRITUALIDADE CRISTÃ.....	113
NASCIMENTO DE UM DEUS QUE É DE PAZ.....	117
NASCIMENTO DE UM DEUS QUE SE FAZ PEQUENO.....	119
ADVENTO E NATAL – TEMPO DE ESPERANÇA.....	121
ADVENTO E NATAL – TEMPO DE ESPERANÇA E DE ORAÇÃO.....	123
PRESÉPIO - ADMIRÁVEL SINAL – 01.....	127
PRESÉPIO - ADMIRÁVEL SINAL – 02.....	129
PRESÉPIO - ADMIRÁVEL SINAL – 03.....	131
RELAÇÃO ENTRE PRESÉPIO E EUCARISTIA.....	133
ANO DE SOFRIMENTOS E APRENDIZAGENS.....	135



